

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
VANUSA DOS REIS COELHO RODRIGUES

Era uma vez... Cinderela e Édipo: Uma visão
Psicopedagógica.

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do certificado de Especialização em Psicopedagogia - Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" da PUCSP – COGEAE, sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha Calil Padis Campos.

SÃO PAULO
2009

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
VANUSA DOS REIS COELHO RODRIGUES

Era uma vez... Cinderela e Édipo: Uma visão
Psicopedagógica.

SÃO PAULO
2009

PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
VANUSA DOS REIS COÊLHO RODRIGUES

**Era uma vez... Cinderela e Édipo: Uma visão
Psicopedagógica.**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do certificado de Especialização em Psicopedagogia - Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" da PUCSP – COGEAE, sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha Calil Padis Campos.

Aprovado em.....

SÃO PAULO
2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à professora Dra. Terezinha Calil a orientação e o tempo dispensado à leitura de meus textos.

à professora Ms. Lúcia Midori que, indiretamente, possibilitou a elaboração deste trabalho quando, há alguns anos, orientou-me e ensinou-me a confeccionar um trabalho científico.

ao meu irmão, Velton, a enorme ajuda na confecção do *abstract*.

à Renan e Renato, meus príncipes, a compreensão e aceitação de minha ausência em alguns momentos de nossa convivência íntima durante a confecção desse trabalho.

à professora Dra. Maria Teresa Baptista a leitura e análise criteriosa deste trabalho de conclusão de curso.

a todos vocês ofereço carinhosamente a minha mais profunda gratidão.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a aprendizagem à luz da Psicanálise e da Epistemologia Genética utilizando como meio para este fim os complexos de Édipo e castração assim como, os significados ocultos e metafóricos existentes no conto *Cinderela* sempre relacionando-os com a aprendizagem.

Assim sendo, o presente trabalho é constituído de quatro capítulos e desenvolve-se da seguinte forma: O capítulo I trata das teorias que darão suporte a este trabalho, ou seja, discorrerá sobre a epistemologia genética de Jean Piaget e a psicanálise de Sigmund Freud abordando seus principais aspectos, buscando um ponto de convergência entre elas que justifique sua união no trabalho psicopedagógico e, ainda, verificando como a resolução do complexo de Édipo estabelece as condições de estruturação do sujeito e, ao mesmo tempo, possibilita a aprendizagem. O capítulo II apresenta o conto de fadas abordando suas origens, características e relações com a psicanálise e a psicopedagogia. O capítulo III trata especificamente do conto *Cinderela* nas versões de Perrault e dos irmãos Grimm, verificando os possíveis significados e diferenças entre essas variantes, relacionando a *Borradeira*, dos irmãos Grimm, com a aprendizagem, os complexos de Édipo e Castração e, ainda, articulando a *Cinderela* francesa de Charles Perrault, metaforicamente com a epistemologia genética, concluindo este capítulo com uma reflexão acerca da aplicação dos contos de fadas no trabalho psicopedagógico para no capítulo IV finalizarmos este estudo com as considerações finais.

Palavras-chave: Aprendizagem. Édipo. Cinderela.

ABSTRACT

The present work has the aim to reflect upon learning as viewed by Psychoanalysis and Genetic Epistemology, and, to reach this objective, it approaches the child sexual theories (Oedipus Complex and Castration Complex) and some hidden and metaphoric meanings found in the Cinderella fairy tale, relating all them with the process of learning.

Thus, this work is constituted of four chapters, presented in the following manner: Chapter 1 explores the theories which will give support to this work, i.e., it examines Jean Piaget's genetic epistemology and Sigmund Freud's psychoanalysis, approaching their main aspects and searching a point of convergence between them, a point which justifies their union in psychopedagogical work. It also examines how the solution of the Oedipus complex establishes the conditions for subject structuring and, at the same time, it turns learning possible. Chapter 2 shows the fairy tales genre, approaching its origins, characteristics and its relationship with psychoanalysis and psychopedagogy. Chapter 3 specifically examines the fairy tale Cinderella in two of its versions, by Perrault and by the Grimm Brothers, verifying possible meanings and differences between them. It also relates this fairy tale with learning and with Oedipus and Castration complexes, and articulates metaphorically the French Cinderella, by Charles Perrault, with genetic epistemology. Then, Chapter 4 concludes this study.

Keywords: learning, Oedipus, Cinderella

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I – Desejo e Aprendizagem	11
1.1- A Epistemologia Genética	11
1.2 – A Psicanálise	15
1.3 – Complexo de Édipo e Complexo de Castração	19
1.4 – Édipo, Castração, Estruturação do Psiquismo e a Aprendizagem	23
1.5 – Psicanálise e Epistemologia Genética unidas em prol do trabalho Psicopedagogico	25
Capítulo II – Os Contos de Fadas	29
2.1 - Origem e características dos contos de fadas	29
2.2– Os contos e a Psicanálise	30
2.3 – Os contos e a Psicopedagogia	32
Capítulo III – Era Uma Vez... <i>Cinderela</i>	36
3.1 – <i>Cinderela</i> e os impulsos reprimidos	36
3.2 – O complexo de Édipo, a angústia de castração e o aprendizado em <i>Borracheira</i>	40
3.3 – <i>Cinderela</i> : Uma metáfora do processo de construção do conhecimento	43
3.4 – Era uma vez... na Psicopedagogia	46
Capítulo IV – Considerações Finais	51
Bibliografia	54
Anexo A	56
Anexo B	62

*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina
ao aprender”. (Paulo Freire)*

(In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à
prática educativa**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.)

- O que é aprender?

- Aprender é ... como quando papai me ensinou a andar de bicicleta. Eu queria muito andar de bicicleta. Então ... papai me deu uma bici ... menor do que a dele. Me ajudou a subir. A bici sozinha cai, tem que segurar andando...

- Dá um pouco de medo, mas papai segura a bici. Ele não subiu na sua bicicleta grande e disse “assim se anda de bici” ... não, ele ficou correndo ao meu lado sempre segurando a bici ... muitos dias e, de repente, sem que eu me desse conta disso, soltou a bici e seguiu correndo ao meu lado. Então eu disse: Ah! Aprendi!

- Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar.

(In: Fernandez, Alicia. **O Saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2006)

INTRODUÇÃO

Quando me dispus a fazer minha monografia, meus maiores questionamentos eram saber como as questões edípicas poderiam ser articuladas com a aprendizagem e, ainda, se existiriam significados ocultos nos contos de fadas que, analisados do ponto de vista cognitivo e emocional, pudessem auxiliar a criança na elaboração dos seus conflitos e com isso ajudá-las a buscar seu crescimento emocional e intelectual.

Ao iniciar minhas pesquisas, notei que o conto *Cinderela* servia de argumento recorrente nas produções cinematográficas, incluindo, inclusive, em seus títulos o nome *Cinderela*, ou seja, os filmes tinham a intenção clara de informar que o roteiro era baseado em um conto de fadas, e, mais especificamente, em *Cinderela*.

Assim, resolvi limitar meu estudo ao conto *Cinderela* e comecei a pesquisar os aspectos simbólicos existentes nesse conto estudando as versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. No que diz respeito às questões edípicas busquei relacioná-las com o conhecimento/aprendizado, pois desejava esclarecer várias perguntas que, desde então, não saiam de minha cabeça: Como a resolução do complexo de Édipo estabelece as condições de estruturação do sujeito e ao mesmo tempo como esta estruturação cria as condições que possibilitem a aprendizagem? *Borradeira* poderia conter material simbólico para reflexão sobre as questões edípicas que pudessem ser relacionados com a aprendizagem?

Estava aí o germe da curiosidade que iria me levar a mergulhar no mundo dos contos de fadas, em especial no de *Cinderela* e, ainda, no universo Edipiano descrito por Freud e Lacan.

O primeiro passo foi ler e pesquisar sobre os contos. Essa pesquisa me levou às diversas linhas de estudo sobre o conto de fada. A vertente histórica e social, por exemplo, permitiu-me entrever os significados morais e pedagógicos dos contos populares como representação dos valores da sociedade, enquanto a vertente psicológica, de cunho freudiano, mostrava-me a sua relação com os mistérios da psique humana. Foi nessa vertente, que encontrei os alicerces

para estudar o aspecto emocional do conto e as respostas para muitas de minhas indagações.

Em seguida, fiz uma pesquisa específica sobre os Complexos de Édipo e Castração, os significados existentes no conto *Cinderela* e as possíveis relações de ambos com a aprendizagem e a construção do conhecimento.

Surgiram novas indagações: A Psicopedagogia poderia unir a Epistemologia Genética de Piaget e a Psicanálise de Freud com o objetivo de auxiliar pessoas com dificuldade de aprendizagem? *Cinderela* poderia ser uma metáfora do processo de construção do conhecimento? Os questionamentos foram muitos, pois a cada livro que lia o leque de possibilidades para a abordagem do assunto abria-se amplamente. Decidi centrar-me apenas nos questionamentos já citados e deixar os que surgiram no decorrer de minhas pesquisas para, quem sabe, um próximo trabalho.

Deste modo, neste trabalho, utilizo como suporte para minhas reflexões a propósito da parte emocional do sujeito a Psicanálise e, para a parte cognitiva a Epistemologia Genética buscando obter desta forma, sustentáculo para relacionar as questões edipianas e o conto *Cinderela*, nas versões de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, com a aprendizagem.

Portanto, o objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a aprendizagem à luz da Psicanálise e da Epistemologia Genética utilizando como meio para este fim os complexos de Édipo e castração, assim como, os significados ocultos e metafóricos existentes no conto *Cinderela* sempre relacionando-as com a aprendizagem.

Assim sendo, o presente trabalho é constituído de quatro capítulos e desenvolve-se da seguinte forma: O capítulo I trata das teorias que darão suporte a este trabalho, ou seja, discorrerá sobre a epistemologia genética de Jean Piaget e a psicanálise de Sigmund Freud abordando seus principais aspectos e buscando um ponto de convergência entre elas que justifique sua união no trabalho psicopedagógico e, ainda, verificando como a resolução do complexo de Édipo estabelece as condições de estruturação do sujeito e, ao mesmo tempo, possibilita a aprendizagem. Em seguida, no capítulo II, apresentamos o conto de fadas abordando suas origens, características e relações com a psicanálise e a psicopedagogia. O capítulo III trata especificamente do conto *Cinderela* nas versões de Perrault e dos irmãos

Grimm, verificando os possíveis significados e diferenças entre as variantes, relacionando a *Borradeira*, dos irmãos Grimm, com a aprendizagem, os complexos de Édipo e Castração e, ainda, articulando a *Cinderela* francesa de Charles Perrault, metaforicamente com a epistemologia genética, para então chegarmos ao capítulo 4 com a conclusão deste estudo.

Para finalizar, devo dizer que o meu fascínio pelos contos de fadas começou na infância e se consolidou quando mais tarde, ao ser mãe, passei a ser narradora dessas histórias. *Cinderela* era meu preferido e ficava encantada quando minhas tias, mãe ou avós contavam-me a história da linda menina que se casaria com um príncipe e se tornaria princesa. Embora já tenha contado e ouvido essa história muitas vezes foi somente, quando me decidi a trabalhar com *Cinderela* que pude descobrir a riqueza de significados que este conto apresenta.

Trabalhar com *Cinderela*, a Psicanálise e a Epistemologia Genética fazendo um paralelo com a aprendizagem em prol da Psicopedagogia foi um grande prazer e espero que o modo como procurei conduzir meus estudos e a maneira de elaborar meu texto contribuam, favoravelmente, para com outros que, por ventura, venham a trilhar, como eu, na teoria e, na prática, os caminhos do sujeito durante o processo de aprendizagem.

DESEJO E APRENDIZAGEM

1. A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

Somos seres pensantes. Essa capacidade de pensar, da qual somos dotados, sempre foi objeto de curiosidade de cientistas e, desta forma, iniciaram-se investigações científicas para a compreensão da gênese do pensamento humano, ou seja, de como se elabora esta capacidade e um dos aspectos do pensamento mais pesquisados é a inteligência.

Assim sendo, para compreendermos como se dá a construção da inteligência, a teoria do desenvolvimento humano de Jean Piaget será a referência neste trabalho.

Existem várias teorias do desenvolvimento humano em Psicologia que foram construídas a partir de observações, pesquisas com grupos de indivíduos em diferentes faixas etárias ou em diferentes culturas, estudos de casos clínicos ou acompanhamento de indivíduos desde o nascimento até a idade adulta, dentre essas teorias destaca-se a Epistemologia Genética de Jean Piaget, pela sua produção contínua de pesquisas, pelo rigor científico de sua produção teórica e pelas implicações práticas de sua teoria, principalmente no campo da educação.

Jean Piaget foi um biólogo suíço e sua principal preocupação era descobrir a maneira como as pessoas aprendem. Ele utilizou para a construção de suas idéias, o modelo biológico em que o homem é guiado pela busca do equilíbrio entre as necessidades biológicas fundamentais de sobrevivência e as restrições impostas pelo meio para a satisfação destas necessidades. Desta forma, em sua teoria, ele afirma que o conhecimento é construído por intermédio das relações existentes entre o sujeito e o meio físico e social.

Em suas observações, Piaget procurou descobrir como se dá o conhecimento e quais processos possibilitam a produção do conhecimento e para isso ele observou sistematicamente uma criança desde o seu nascimento, seu filho Laurent. Seu interesse era compreender o sujeito em seu processo de construção do conhecimento, ou seja, o “sujeito epistêmico” e para tanto utilizou um método clínico e não experimental.

A epistemologia genética estuda a origem do conhecimento, ou seja, a maneira como são elaboradas as idéias. Para Jean Piaget, inteligência é adaptação e seu desenvolvimento está voltado para o equilíbrio. A inteligência é uma estrutura lógica e o conhecimento é construído, ou seja, o ser humano deve passar por um processo, fazer um trabalho lógico, para chegar ao conhecimento. A ação humana visa sempre a uma melhor adaptação ao ambiente e para que ela seja possível, ocorrem constantes organizações da experiência, voltadas para a equilibração, pois, quando o equilíbrio se rompe, o indivíduo age sobre o que o afetou, buscando reequilibrar-se. Sendo assim podemos dizer que não existe aprendizagem se não houver desequilíbrio e o que desequilibra é o outro, ou seja, o meio.

A adaptação, que envolve a assimilação e a acomodação, é o mecanismo que permite ao sujeito transformar os elementos assimilados possibilitando o ajuste e a acomodação destes elementos.

Piaget investigou os aspectos cognitivos que conduzem a formação da inteligência assim como os aspectos sociais e afetivos já que as construções mentais, esquemas e estruturas de inteligência estão repletos desses elementos.

Em sua obra “Epistemologia Genética”, Jean Piaget nos diz que os esquemas são “uma estrutura interna de ações” (1971, p.11), ou seja, podemos dizer que os esquemas são um conjunto de ações pré-existentes, pois, de acordo com Andreozzi (2005, p.11), “Uma criança, através de suas experiências, brinquedos e fantasias, forma esquemas para agir nas diferentes situações. Com esquemas formados é que as pessoas agem normalmente”.

Piaget observou que as experiências da criança são conduzidas por sua ação em contato com o objeto e esta ação é, ao mesmo tempo, sensório-motora, cognitiva e afetiva.

Segundo Andreozzi (2005, p.10), “as ações da criança ao buscar o equilíbrio não ocorrem num quadro de redundância circular, volta ao equilíbrio, no sentido homeostático”. Logo, entendemos que essas ações transformam-se, aperfeiçoam-se e se complexificam continuamente e, ainda segundo Andreozzi (2005, p.10) “todas as experiências se sustentam na organização das experiências sensório-motoras”, ou seja, partem sempre do período sensório-motor para períodos diferentes.

Esses níveis de organização foram divididos por Piaget em períodos e cada período corresponde ao aparecimento de novas qualidades do pensamento, o que, por sua vez, interfere no desenvolvimento total do sujeito. Os períodos descritos por Piaget são os seguintes:

Período sensório-motor que vai de 0 a 2 anos é o período em que a criança conquista, através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca.

No período pré operatório que vai de 2 a 7 anos aparece a linguagem que irá trazer modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança. No período das operações concretas que vai de 7 a 11 ou 12 anos teremos o início das construções lógicas e no período das operações formais que vai de 11 ou 12 anos em diante teremos a passagem do pensamento concreto para o pensamento abstrato.

Cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias. Todos os indivíduos passam por todas essas fases ou períodos, nessa seqüência, porém o início e o término de cada uma delas depende das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais, sociais. Assim sendo, a divisão nessas faixas etárias é uma referência, e não uma norma rígida.

Deste modo, as ações da criança ao buscar equilíbrio assumem um novo estado de equilíbrio, ou seja, um aperfeiçoamento da ação que atinge níveis mais complexos de organização das experiências.

Esses estados de equilíbrio são chamados de estruturas e essas estruturas nada mais são do que o resultado da reorganização dos esquemas e serve de base para a construção de nova estrutura em nível mais elevado, que vai se desenvolvendo em quantidade e qualidade.

Os processos que promovem a passagem de uma estrutura para outra são chamados de mecanismos funcionais que atuam constantemente, nos diferentes períodos ou estágios de desenvolvimento, ou seja, nas diferentes estruturas, promovendo sua transformação em novas organizações.

Quando ocorre o desequilíbrio os mecanismos funcionais são ativados e desempenham o papel de processos intermediários para que as estruturas se desenvolvam.

Segundo Andreozzi (2005, p. 11), “As necessidades ativam o sujeito em busca de novas ações. Diante de um problema percebido como novo, surge a necessidade de resolvê-lo. Isso mobiliza a ação do sujeito em busca de uma solução nova, de uma ação nova. A criança então modifica algumas de suas ações (organizadas), pois, elas já não resolvem o problema”.

Um dos mecanismos funcionais é a assimilação que nada mais é do que a transformação do objeto em conhecimento. É realmente uma assimilação do ambiente através de sua experiência com ele.

Mas a assimilação não é suficiente, uma vez que na incorporação alguns esquemas são modificados ou mesmo criados. Para tanto, ocorre outro mecanismo funcional complementar ao primeiro: a acomodação que é a apropriação do conhecimento. Por esse mecanismo, a nova experiência assimilada se incorpora realmente ao sujeito (modifica-o, transforma-o) através de modificações ou criações de esquemas. Dessa forma, ele tem novas condições de interagir com o mundo.

Esses mecanismos funcionais são invariáveis e estão presentes em todas as estruturas dinamizando-as através do tipo de ação que promovem. Eles tornam possível a equilibração, o atendimento às necessidades de modo a conduzir o sujeito a uma complexificação e a um equilíbrio crescente na relação como o meio.

Sintetizando o que já foi exposto, podemos dizer que o desenvolvimento intelectual resulta da construção de um equilíbrio progressivo entre assimilação e acomodação, o que propicia o aparecimento de novas estruturas mentais. Isso é um processo de evolução.

Stephen R. Covey (2009, p.9) cita em seu livro a seguinte frase de Albert Einstein: “Os problemas significativos com os quais nos deparamos não podem ser resolvidos no mesmo nível de pensamento em que estávamos quando os criamos”. Isso quer dizer que precisamos alcançar um novo nível ou estágio de raciocínio para poder solucionar o problema, ou seja, no decorrer de sua evolução, a inteligência apresenta formas diversas (novos estágios ou níveis) e essas formas vão caracterizando as possibilidades de relação com seu meio ambiente.

Portanto, até aqui temos a concepção global do desenvolvimento cognitivo para Piaget. No entanto, este estudioso entende que o desenvolvimento afetivo e social se processa em paralelo ao desenvolvimento cognitivo, pois, à medida que a criança apresenta novas condições de ações provenientes de seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, o desenvolvimento afetivo e social também apresenta novas possibilidades.

Assim para que a assimilação e acomodação ocorram de maneira satisfatória, é necessário que a estrutura psíquica do indivíduo esteja em equilíbrio, pois, os problemas de aprendizagem surgem quando algum problema ocorre na estrutura psíquica, como por exemplo, a falta de afeto.

Deste modo, esbarramos no campo da psicanálise que estuda, observa e reflete sobre o funcionamento de nossa vida psíquica. A seguir discutiremos sobre esta teoria e verificaremos como o funcionamento psíquico pode interferir na aprendizagem.

2. A PSICANÁLISE

O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria que se caracteriza por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. Seu método é interpretativo, pois, busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como por exemplo, os sonhos.

Sigmund Freud, o criador da psicanálise, foi um médico vienense que revolucionou o pensamento ocidental ao formular o conceito de inconsciente e a postular a existência da sexualidade infantil. Desta forma, passou-se a entender a mente como um lugar de combate entre pulsões psíquicas e formas de sublimá-las e não mais como uma instância comandada por uma razão universal. Esta teoria possui muitos conceitos próprios e, por este motivo, antes de prosseguirmos, será necessário esclarecer alguns desses conceitos que permitirão entender os dados e informações que serão explicados no decorrer do texto, pois, são aspectos fundamentais para a compreensão desta teoria.

O primeiro deles é a pulsão que segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002, p.76) “refere-se a um estado de tensão que busca, através de um

objeto, a supressão deste estado”, ou seja, a finalidade da pulsão é buscar o prazer e a satisfação. Em seguida temos a libido e a sublimação.

Sigmund Freud em sua obra prima “A interpretação dos sonhos” (1972, p.2777) descreve libido como “a energia dos instintos sexuais e só deles” e sublimação, segundo Lima (2000, p. 28) “é o deslocamento da libido de um objeto sexual para um objeto socialmente aceitável e esse processo pode ocorrer no sentido de um mecanismo de defesa”. O Mecanismo de defesa, por sua vez é a deformação ou supressão da realidade com o intuito de excluir da consciência os conteúdos indesejáveis, protegendo, desta forma, o aparelho psíquico. São vários os mecanismos que o indivíduo pode usar para realizar esta deformação da realidade. Esses processos são realizados pelo ego e são inconscientes, ou seja, ocorrem independentemente da vontade do indivíduo.

O sintoma segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002, p.76) “é uma produção (pensamento ou comportamento) resultante de um conflito psíquico entre o desejo e os mecanismos de defesa”. O sintoma, ao mesmo tempo em que sinaliza, busca encobrir um conflito, substituir a satisfação do desejo e, por fim, faz-se necessário deixar claro ainda que, sexualidade infantil para a psicanálise, é o referencial de prazer e desprazer, ou seja, é uma sexualidade de marca de prazer e não genital. Desta forma, poderíamos dizer, por exemplo, que se o registro de prazer atravessa a boca, este órgão passa a ser sexualizado ou erogeneizado, portanto a boca passa a ter existência psíquica através do registro de prazer, ou seja, já não é uma boca orgânica é uma boca sexualizada.

Freud em suas investigações sobre as causas e o funcionamento das neuroses, chegou à conclusão que a maioria de pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida dos indivíduos, isto é, que na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais, e confirmava-se, desta forma, que as ocorrências deste período da vida deixam marcas profundas na estruturação da pessoa. Assim, por meio de seu modelo das fases de desenvolvimento da sexualidade Freud descreve o desenvolvimento dos impulsos instintivos e o desenvolvimento da aceitação de normas.

Sigmund Freud postulou as fases do desenvolvimento infantil da seguinte forma: A fase oral compreende a primeira fase da evolução libidinal, que ocorre mais ou menos até os 2 anos de vida. A pulsão sexual está localizada na boca, caracterizando esta fase pelo movimento de incorporação. É uma fase imediatista e necessária, mas precisa ser transposta para a fase anal, que ocorre por volta dos 2 aos 4 anos. Nesta fase a pulsão sexual está localizada na região anal e caracteriza-se pelos movimentos de expulsão-retenção, ligados diretamente a atitudes de atividade e passividade.

Geralmente dos 4 aos 7 anos há uma unificação das pulsões parciais na região genital caracterizando assim a fase fálica, período de vivência do Complexo de Édipo e da Angústia de castração. Após transpor esta fase, vive-se um período de latência até mais ou menos os 11 anos configurado pela dessexualização do objeto do desejo por meio da sublimação para posteriormente atingir a fase genital o período da puberdade.

Além das fases do desenvolvimento infantil, Freud formulou duas teorias acerca da estrutura do aparelho psíquico. A primeira teoria refere-se à existência de três instâncias psíquicas que segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002, p.74) são as seguintes: O inconsciente que exprime o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência. O pré-consciente que é aquilo que não está na consciência neste momento, mas, no momento seguinte pode estar e o consciente que seria o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior.

Na segunda teoria Freud remodela a primeira introduzindo os conceitos de id, ego e superego para referir-se aos três sistemas da personalidade e o termo inconsciente, embora concebido como parte integrante do id é empregado mais como qualidade das instâncias ego e superego.

O Id é uma instância psíquica inata e trabalha pelo princípio de prazer. Mostra a direção, indica a possibilidade de alcançar o prazer de satisfazer o desejo, mas como está no inconsciente não consegue se realizar no mundo externo. Como consequência, essa energia psíquica é transferida para o ego que atua no real e reduz a angústia.

Assim para a criança começar a perceber o Ego é preciso sentir falta de algo. O Ego deve concretizar o que o Id idealiza e tem como tarefa a mediação

entre impulsos e exigências, na medida que esses são contraditórios. O ego procura enfrentar os impulsos do Id, que podem se tornar perigosos para o indivíduo.

O ego não tem censura e é o Superego que impõe limites. Os valores que incorpora dependem da sociedade, da cultura e da época. No processo de aprendizagem o Id faz realizar, O Ego realiza e o superego faz aprender a lidar com as regras.

Assim, Freud descreveu o id como o pólo pulsional, ou seja, é onde se localizam as pulsões. O ego é o representante dos interesses da pessoa e dotado de investimento narcísico e o superego é o herdeiro do complexo de Édipo (que será abordado a seguir juntamente com o complexo de castração), pois, origina-se a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais, são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais.

Desta forma, até aqui, fizemos um breve relato da teoria psicanalítica e diante do exposto, podemos concluir que todas as expressões do homem são carregadas de elementos psíquicos, pois, desde a mais tenra infância estamos sujeitos a ocorrências que deixam marcas profundas na estruturação de nossa vida psíquica e os atos, que são adjetivados como inteligentes, não estão isentos de componentes afetivos, além dos cognitivos. Portanto, supõe-se que o indivíduo quando está bem do ponto de vista da vida psíquica, conseguindo lidar adequadamente com seus conflitos, tem todas as condições para enfrentar o mundo, realizando atos inteligentes e vice-versa, ou seja, se algo vai mal na vida psíquica ou não foi elaborado adequadamente os sintomas surgirão e, por este motivo neste trabalho, buscamos na psicanálise o suporte para comprovar que os componentes afetivos podem influenciar no processo de construção do conhecimento.

Assim sendo, a seguir estudaremos e relacionaremos os complexos de Édipo e castração, elementos estruturadores de nossa subjetividade, com o aprendizado.

3- COMPLEXO DE ÉDIPPO e COMPLEXO DE CASTRAÇÃO

O complexo de Édipo acontece entre 3 e 5 anos, durante a fase fálica. No complexo de Édipo, a mãe é o primeiro objeto de amor do menino que procura ser o pai para “ter” a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento e o pai é o seu rival, aquele que impede seu acesso ao objeto desejado. Posteriormente, por medo da perda do amor do pai, “desiste” da mãe, isto é, a mãe é “trocada” pelo mundo social e cultural, e o garoto pode, então participar do mundo social, pois, tem suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai. Este processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação.

No centro do complexo de Édipo está o complexo de castração que é o organizador simbólico das pulsões e o momento em que se colocam as condições para a destruição e abolição do complexo de Édipo.

Na medida em que a satisfação amorosa de natureza incestuosa pode custar o pênis do menino, é imposto um conflito entre seus interesses narcísicos e o investimento libidinal dos objetos parentais. Daí a renúncia ao Édipo, que leva à constituição do superego. Para que este se forme, os investimentos objetivos, a energia sexual da pulsão que se dirige ao objeto de amor (real ou fantasiado), são abandonados e substituídos pela identificação com a figura que antes fora seu rival. A autoridade e severidade do pai, proibindo o incesto, vão constituir o núcleo do superego.

O pré-escolar, portanto, o início da alfabetização, coincide com o período em que a criança está no auge da angústia de castração, portanto muito voltada para seus interesses narcísicos, o que envolve a possibilidade de construir uma imagem segura de si, e ao mesmo tempo pressionada pelo meio para se sociabilizar e, também, de se sujeitar a regras e normas da sociedade em que está inserida.

Sair do seio familiar, conhecido e seguro, e entrar num meio social mais amplo como a escola são etapas importantes no seu desenvolvimento que decorrem da resolução do conflito edípico. Diante disto, torna-se necessário uma mudança na forma como o sujeito vê e se posiciona no mundo, para que ela saia do egocentrismo que caracteriza o seu pensamento neste momento

para poder ter um pensamento mais objetivo, que a capacite a entender os códigos da cultura e a socializar-se.

Desta forma, o complexo de Édipo é um dos momentos fundamentais nesta mudança, pois, é considerado condição fundante do sujeito já que, concomitantemente, o psiquismo se estrutura e o pensamento se desenvolve.

Assim sendo, em seu artigo “*As encruzilhadas do Édipo: caminhos para a possibilidade de aprendizagem*” Di Giorgi (2004, p.2) escreve que, “A resolução do complexo de Édipo e o medo da castração vão possibilitar à criança internalizar as interdições e os valores culturais vivenciados na relação com os pais, e com isto ter acesso ao simbólico, nível em que acontece a aprendizagem, estando apta a participar da ordem humana, que é construir e reconstruir conhecimentos”.

Na fase que antecede a passagem pelo complexo de Édipo a criança considera, num primeiro momento, que tudo que existe é dotado de pênis. Não há a percepção da diferença anatômica entre homem e mulher.

Num outro momento da fase fálica, a criança descobre que as mulheres não têm pênis. Essa descoberta o leva à conclusão de que o pênis pode ser perdido. Essa descoberta é percebida simbolicamente como uma ameaça de perda para o menino, ameaça de castração, que o força a renunciar ao amor da mãe e, conseqüentemente, a sair do Édipo. A renúncia ao amor da mãe ou do pai pelo sujeito, em nome de uma identificação com a cultura, possibilita uma organização psíquica e segundo Di Giorgi (2004, p. 5), “O reconhecimento das diferenças sexuais é um momento muito importante no seu desenvolvimento, pois é a partir daí que a teoria em torno do falo começa a se desintegrar, e a criança pode perceber a diferença, fato que contribuirá para que ela aprenda a discriminar. Se remetermos isto para a aprendizagem da escrita, discriminar é um passo fundamental para a percepção da diferença entre as letras”.

Desta forma a organização psíquica proveniente do complexo de castração e da saída do Édipo que se deu na ordem do simbólico, possibilita o acesso à cultura e a constituição do superego, que se incumbirá de conservar a proibição do incesto, a interiorização e a aceitação da lei e que através do ideal do ego facilitará a identificação com os valores sociais.

Di Giorgi (2004, p. 5) escreve que “Todo este processo abre à criança a possibilidade de se constituir como sujeito autônomo, sujeito que tem um desejo e um pensar, daí o seu valor fundante na constituição do sujeito, ao mesmo tempo em que possibilita a constituição da noção de alteridade. Junto a isto, mudanças na forma de pensar o mundo também ocorrerão, conforme já podemos observar”.

Após esta etapa a criança entra num período de latência, ou seja, acontece um apaziguamento das pulsões sexuais, em que a curiosidade sexual dá lugar a um querer saber sobre o mundo.

Lacan ampliou o conceito de complexo de Édipo, ressaltando o que a mãe quer – reintegrar o seu produto e o que a criança quer – ser o falo da mãe, e enfatizando a função paterna na proibição desta reintegração, separando a criança e posicionando-a na condição de se ver com o seu desejo. Assim, Di Giorgi (2004, p. 5) escreve que “Lacan introduz o conceito de falo como sendo um significante da falta, algo que remete a um objeto perdido. O falo dá significância ao que está ausente, ao que falta”.

Para Lacan, este complexo é descrito como sendo um processo que se dá em três tempos:

No primeiro tempo do Édipo impera o narcisismo absoluto. A criança pensa ser tudo para sua mãe. O problema que se coloca é o de “ser ou não ser o falo da mãe”.

Já no segundo tempo do Édipo, surge o significante paterno. O pai é o interditor, pois, priva a mãe do falo que acredita ter no filho e frustra a criança por não ter a mãe incondicionalmente. Aqui, o pai representa o falo. Ele é a lei, é o castrador, onipotente.

No terceiro tempo, a criança percebe que o pai não é o falo, mas que pode tê-lo. O falo se encontra no grande Outro, a cultura. Desta forma, no terceiro tempo, o pai aparece como aquele que tem atributos fálicos, mas, que pode doá-los.

Assim sendo, o complexo de Édipo estabelece uma subjetividade desejante na criança, onde o desejo dessa não se limita somente em desejar ser o falo imaginário de sua mãe, mas também se autoriza a desejar por si mesma. Desta forma, a castração comanda o desejo, pois, com o falo no seu justo lugar, o sujeito passa a desejar além do desejo materno e tem a

possibilidade de ir buscar o que falta na cultura. Mas, o sujeito precisa ainda submeter-se à lei, ou seja, o sujeito tem que separar o que ele imagina e quer do que a cultura determina. Podemos dizer então, que a própria educação tem a ver com a interdição, pois, viver em sociedade implica submeter-se às normas de convivência.

Após a compreensão deste processo torna-se possível fazer o diálogo entre o psíquico e o cognitivo, pois, o complexo de Édipo também proporciona uma organização psíquica que dá sustentação ao desenvolvimento do pensamento lógico-operatório, condição necessária para a aprendizagem da escrita e da leitura, para a aquisição da noção de número e das operações matemáticas.

Portanto, assim como o complexo de Édipo, o complexo de castração é estruturador da nossa subjetividade, pois, faz nascer o desejo de buscar o que nos falta. A experiência de castração de perda e de falta ocorre durante toda a nossa vida inclusive diante da aprendizagem de algo novo que não sabemos e que queremos aprender e, desta forma, podemos dizer que somos seres desejantes porque somos castrados e, conseqüentemente, faltantes, ou seja, somos seres incompletos e faltosos, condenados a desejar e, sendo assim, para buscarmos aprender é necessário sentirmos falta e desejar fazê-lo.

Desta forma, refletindo sobre os Complexos de Édipo e castração podemos entender o que Freud queria expressar quando dizia que o desejo de saber e de aprender, a curiosidade, todas as nossas perguntas estão relacionadas com a diferença de sexos e a angústia que ela causa. Justamente por nos faltar é que buscamos, por exemplo, estudar e aprender, pois, se nos sentíssemos completos, satisfeitos, não buscaríamos nada. Para buscarmos aprender é necessário sentirmos falta e desejar fazê-lo.

Por fim, vale ressaltar que no conto *Cinderela*, que será estudado nos próximos capítulos, existe, a ligação edipiana além da latente ligação com a rivalidade fraterna. Nesse caso, a madrasta simboliza a mãe que cria obstáculos na relação do pai com a filha deixando clara a necessidade da mãe deixar de ser a mais bela da casa para que sua filha possa conquistar seu espaço como mulher. Mas, por ora, vejamos como os complexos de Édipo e castração dialogam com o desenvolvimento do raciocínio.

4- ÉDIPO, CASTRAÇÃO, ESTRUTURAÇÃO DO PSIQUISMO E A APRENDIZAGEM.

Para Piaget, a construção do conhecimento e da inteligência parte de uma ação indiferenciada. Essas ações indiferenciadas são isoladas e, a princípio, sem significados. Este tipo de pensamento e de inteligência é chamado de sensório-motor e vai de 0 a 2. Depois, com o aparecimento da linguagem entramos no período pré operatório que vai de 2 a 7. O surgimento da linguagem, neste período, implicará numa diferenciação entre as ações do sujeito e o próprio sujeito. As habilidades de raciocínio se dão na experiência ou nas ações físicas

Freud, por sua vez, acreditava que a intensa curiosidade sexual inicia uma atividade que se registra na pulsão de saber ou de investigar. E, ainda, que a sublimação de parte da pulsão sexual, leva, provavelmente, ao interesse intelectual posterior a fase pré-edípica.

De acordo com Costa (1995), Piaget remete as bases destes processos ao inconsciente, pois, concebe o psiquismo como um aparelho mais amplo que o funcionamento cognitivo. Desta forma, podemos pensar que, nesta fase pré-operatória, que também é pré-edípica, enquanto persistir a teoria de que todas as pessoas tem um pênis, o pensamento do sujeito tem pouca capacidade de generalização e a própria ligação com a mãe dá à criança uma ilusão de completude.

Di Giorgi (2004, p. 9) escreve que “com a resolução do complexo de Édipo, a criança introjeta a lei e tem acesso à ordem simbólica, adquire condições de compreender os signos que a cultura construiu: consegue alfabetizar-se porque entende que a escrita, entre outras coisas, representa os sons da fala e entende como se estrutura esta forma de representação. Consegue entender como se estrutura o código convencional”.

Assim, o seu pensamento evolui tornando-se operatório, ou seja, adquire habilidades de raciocínio que permitem levar em conta as relações de causa e efeito e as ações e operações efetuadas sobre os objetos fazendo relações entre eles. Desenvolve-se a capacidade de abstração, o que possibilita chegar ao conceito e à generalização. Isto se torna possível porque a criança obtém a noção de conservação.

Esta aquisição se deu graças a transformação ocorrida, no plano psíquico, de sua relação com os pais, ou seja, a criança não é mais um com a mãe e tem que elaborar, com esta perda, sua própria condição de sujeito.

A castração, por sua vez, introduz a diferença (diferença sexual anatômica) e com isto, a possibilidade de fazer discriminação.

Assim sendo, a criança consegue fazer outras discriminações conceituais como, por exemplo, capacidade de ordenar ou de seriação e a capacidade de organização segundo critérios ou classificação. Todas essas noções são imprescindíveis para a generalização e a possibilidade de formular e entender conceitos. Di Giorgi (2004, p. 12) escreve que “É certo que para a aquisição destas noções a interação com os objetos, investida pelos adultos, é fundamental, pois é necessário que a estrutura cognitiva se desenvolva para permitir as operações reversíveis, inerentes à idéia de conservação, e presentes na seriação e na classificação. Uma criança que é pouco estimulada, não terá as condições cognitivas para tal. Por outro lado, de nada adiantarão estas atividades se sua organização psíquica não tiver passado pelo processo de representação simbólica das relações parentais”.

Desta forma, entendemos que a partir da castração, quando a criança se posiciona como filho, o pensamento adquire a condição de ser operatório, pois, de acordo com Costa (1995, p. 125) “A função paterna posiciona a criança numa série-filiação, como filho de; no lugar de filho. Este movimento permite que a criança se localize numa posição de filho em relação a um pai e uma mãe, lugar diferenciado”, ou seja, a criança se insere em uma família, cria uma relação de parentesco, portanto, um pertencimento.

Logo, a partir do significante paterno, a criança adquire também a noção de inclusão de classes que, segundo Di Giorgi (2004) lhe dará condições de entender o sistema de numeração decimal.

Costa (1995, p. 126) nos diz que “O significante paterno introduz a possibilidade de a criança significar a diferença, ou seja, a possibilidade dela deixar de se constituir na exclusividade e semelhança do espelhamento do desejo da mãe, e poder constituir seu desejo na constelação do significante paterno, diferenciado da mãe, separado da mãe. O significante paterno joga a criança fora da relação incestuosa, introduzindo-a na cultura, na representação simbólica”.

Assim, no nível do intelecto observa-se uma mudança, pois, o que a criança faz no aspecto cognitivo diz respeito à representação de seu próprio processo de diferenciação sexual e de seu processo de constituição como sujeito de seu desejo. Desta forma a inteligência pode começar a processar o conhecimento, utilizando a lógica operatória, pois, o raciocínio adquire mobilidade e nova organização para as operações mentais.

Este momento é favorável para a aprendizagem, pois, após a resolução do complexo de Édipo, a criança entra no período de latência, onde sua curiosidade sexual tem uma diminuição e com isto um declínio das tensões que lhe permite desviar a atenção de seu corpo e buscar satisfação em outros interesses socialmente valorizados e, ainda, a passagem pela castração, recalçou o desejo incestuoso produzindo um vazio que institui o desejo como falta abrindo caminho para a curiosidade de buscar em sua subjetividade (e desta forma entrando em contato com o seu desejo) o que está lhe faltando e, assim, construindo conhecimento e constituindo-se como sujeito.

5- PSICANÁLISE e EPISTEMOLOGIA GENÉTICA UNIDAS EM PROL DO TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO.

O desenvolvimento humano tem sido abordado a partir de quatro aspectos básicos: Aspecto físico-motor que se refere ao crescimento orgânico, a maturação neurofisiológica, a capacidade de manipulação de objetos e de exercício do próprio corpo. Aspecto intelectual é a capacidade de pensamento, raciocínio. Aspecto afetivo-emocional é o modo particular de o indivíduo sentir e integrar as suas experiências. A sexualidade faz parte desse aspecto e o aspecto social que é a maneira como o indivíduo reage diante das situações que envolvem outras pessoas.

Todos esses aspectos comunicam-se entre si e relacionam-se permanentemente. Todas as teorias do desenvolvimento humano partem do pressuposto de que esses quatro aspectos são indissociados, porém, cada teoria estuda o desenvolvimento global a partir da ênfase em um dos aspectos. A Psicanálise, por exemplo, estuda o desenvolvimento a partir do aspecto

afetivo-emocional, isto é, do desenvolvimento da sexualidade e Jean Piaget enfatiza o desenvolvimento intelectual.

A curiosidade e o desejo de conhecer fazem parte da vida, pois desde o nosso nascimento estamos aprendendo, porém ao iniciarmos nosso percurso escolar, a aprendizagem pode apresentar dificuldades, uma vez que, dentre outros fatores, na escola estamos em um meio que requer um posicionamento nosso enquanto sujeito e sofremos a pressão cultural imposta pela sociedade, ou seja, a aprendizagem passa a se referir aos signos da cultura.

O ato de aprender, ou seja, de apropriar-se de um conhecimento requer a nossa participação na construção do conhecimento. O que nos constitui como sujeito pensante é o ato de apropriar-nos do conhecimento, tornando-o parte integrante de nosso pensamento. Fazemos isso seriando, classificando ou somente observando em qualquer atividade muitas vezes sem nos darmos conta disso. E, desta forma, podemos dizer que é o desejo inconsciente trabalhando para que nossa subjetividade atribua significados a esses atos.

Assim, podemos dizer que a criança precisa se constituir como sujeito para que possa construir seu conhecimento; por outro lado enquanto constrói conhecimento vai se constituindo como sujeito, ou seja, a aprendizagem chama o sujeito a se pronunciar. Desta forma, o processo de construção do conhecimento implica um sujeito ativo, que possa entrar em contato com seu desejo, e que se autorize a conhecer.

Ao observar dificuldades de aprendizagem na criança devemos sempre levar em conta a história de vida e a relação familiar do sujeito, pois o “não - aprender” pode estar ligado a um “não poder saber”, que surge como um sintoma e, portanto, acenando para um conflito.

Sabemos que o desejo dos pais é fundamental para que haja uma aprendizagem sadia, pois, a criança percebe, no desejo dos pais, o desejo de que ela aprenda. Portanto, ser colocado no lugar de ser pensante é o primeiro desafio que a criança se vê submetida, para que sua inteligência possa se desenvolver. É fundamental que o sujeito se sinta capaz de aprender.

Portanto, para aprender, é imperativo que haja o desejo de saber dos pais, enquanto a criança ainda é objeto do desejo deles, e é necessário também, o desejo de saber da criança, quando ela já estiver se constituindo

como sujeito do desejo. Assim, é preciso que o sujeito tenha o desejo de conhecer para que a inteligência possa atuar em toda a sua capacidade.

Desta forma, diante do que foi exposto e estudado anteriormente, fica evidente que a psicanálise e a epistemologia genética, podem se interrelacionar no que diz respeito a aprendizagem. Vejamos o que escreve a respeito do assunto Andreozzi (2005, p.53): “o limite da teoria piagetiana está na sua concepção de sujeito que, embora significativa, circunscreve-se à dimensão epistêmica. Só que o sujeito não se limita a isso: ele é fraturado, constituído como sujeito epistêmico e sujeito do desejo. O movimento de construção da inteligência não é autônomo, está ancorado no movimento do desejo, inconsciente” e, ainda, Fernández (2006, p.67) escreve que: “O pensamento é um só, não pensamos por um lado inteligentemente e depois, como se girássemos o dial, pensamos simbolicamente. O pensamento é como uma trama na qual a inteligência seria o fio horizontal e o desejo o vertical. Ao mesmo tempo, acontecem a significação simbólica e a capacidade de organização lógica”.

Assim, chegamos à conclusão de que existe um intercâmbio entre o emocional e o cognitivo que estão constantemente em contanto, cruzando-se e influenciando nossos atos. Para realizar atos inteligentes utilizamos o cognitivo que é atravessado pelo emocional e, sendo o pensar, o aprender e o estudar um ato inteligente pode-se pensar que se ocorre algum problema na estrutura psíquica do ser humano poderão surgir problemas na aprendizagem, pois, para que haja aprendizagem é necessária a interferência do nível cognitivo e do nível emocional ou desejante visto que, a inteligência tem um funcionamento cognitivo que não é independente do funcionamento desejante, pois, segundo Fernández (2006, p. 86) “A estrutura inteligente forma parte do inconsciente, e a aprendizagem é uma função em que participam tanto a estrutura inteligente como a estrutura desejante, ambas inconscientes”.

Assim, a psicanálise pode também auxiliar no maior conhecimento do funcionamento mental e inconsciente dos sujeitos com o sintoma problema de aprendizagem. Fernández (2006, p. 84) escreve que “O problema de aprendizagem é um sintoma que expressa o “atrape” no aprender por desejos inconscientes. As possibilidades existem, mas se perdeu o desejo de aprender”. Portanto, com o auxílio da psicanálise podemos ajudar a eliminar o

sintoma recorrendo à história pessoal do sujeito trabalhando com as representações simbólicas e seus significados, pois, o sintoma representa aquilo que pode ser simbolizado.

Sendo assim, a união da epistemologia genética com a psicanálise não só é possível, mas também é bastante profícua, pois, juntas, essas teorias, darão conta dos aspectos emocionais e cognitivos do sujeito que apresenta problemas de aprendizagem auxiliando-o a ter uma aprendizagem sadia.

OS CONTOS DE FADAS

1- ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE FADAS

O conto de fadas, variação do conto popular ou da fábula, é um gênero que possui narrativas curtas e que inicialmente foram transmitidas oralmente. O herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal e envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento que auxiliam os heróis em situação de apuro.

O conto de fadas e o conto maravilhoso pertencem ao universo do maravilhoso, porém, segundo Coelho (2003, p.79) “O conto maravilhoso tem raízes orientais e gira em torno de uma problemática material/social /sensorial – a busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo etc.- ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo em seu meio [...] o conto de fadas de raízes celtas, gira em torno de uma problemática espiritual/ética/existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do amor. Daí que suas aventuras tenham como motivo central o encontro/a união do cavaleiro com a amada (princesa ou plebéia), após vencer grandes obstáculos, levantados pela maldade de alguém”.

Desta forma, a partir da definição de Coelho, podemos compreender as diferenças existentes entre as formas narrativas de um conto maravilhoso e de um conto de fadas.

A primeira coletânea de contos infantis, de que temos notícia, foi publicada no século XVII, na França, durante o faustoso reinado de Luís XIV, o rei Sol, conforme destaca Coelho (2003). Trata-se dos *Contos da Mamãe Gansa* (1697), livro no qual Charles Perrault (poeta e advogado de prestígio na corte) reuniu oito histórias, recolhidas da memória do povo, dentre elas estava *Cinderela ou A Gata Borralheira*. Esses contos eram em versos e sua autoria foi atribuída ao seu filho, Pierre Perrault, e este o ofereceu à infanta, neta do rei Sol.

Segundo Darnton (2001), Perrault parecia ser a última pessoa que, provavelmente, iria interessar-se por contos populares, pois, sendo um cortesão, tradutor de talento, poeta, membro da academia francesa de letras e

arquiteto da política cultural autoritária de Coubert e Luís XIV, ele não tinha simpatia alguma pelos camponeses e por sua cultura arcaica. No entanto, recolheu as histórias da tradição oral e adaptou-as para o salão, com um ajuste de tom, para atender ao gosto de uma audiência sofisticada.

Deve-se lembrar que os contos eram direcionados aos adultos e não às crianças, pois, a infância como fase especial da vida, em que o ser humano recebe um tratamento diferenciado, realmente é um conceito que só passou a existir com a ascensão social da burguesia, ou seja, para os camponeses dessa época não existiam crianças e sim “adultos em miniatura”. Os contos eram violentos e, desta forma, Perrault decidiu torná-los mais “elegantes” antes de publicá-los.

O gênero, literatura infantil, nasceu com Charles Perrault no século XVII, mas foi somente no século XVIII com os irmãos Grimm que este gênero foi definitivamente constituído. Segundo Coelho (2003) Jacob e Wilhelm Grimm eram filólogos e folcloristas que buscaram e pesquisaram as possíveis invariantes lingüísticas, nas antigas narrativas, lendas e sagas vivas apenas na tradição oral. As principais fontes destas narrativas foram duas mulheres: uma camponesa chamada Katherina Wieckmann e Jeannette Hassenpflug amiga íntima da família.

Desta forma, os Grimm formaram a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil. Porém, na segunda edição da coletânea, cedendo a polêmica causada devido a crueldade de certos contos, os Grimm decidiram retirar os episódios de demasiada violência.

Sendo assim, a seguir, veremos o que pensa a psicanálise acerca dos contos de fadas.

2- OS CONTOS E A PSICANÁLISE

Os contos de fadas surgiram não se sabe quando e nem como, mas certamente são ferramentas da imaginação. Ao longo dos séculos as narrativas orais e mais tarde o registro escrito dessas narrativas tem oferecido testemunho para a cultura agregando, ensinando e conferindo sentidos.

Sigmund Freud argumentou que as lendas, os mitos e os contos de fadas seriam realizações psíquicas sociais destinadas a aliviar as ansiedades e

tensões do indivíduo assim, o pai da psicanálise, relacionou o tema dos contos de fadas com o funcionamento psíquico dos homens.

Em sua obra Freud mostra que o psiquismo se estrutura por meio de marcas, representações, identificações, leituras da realidade e fantasias que surgem como pequenas histórias construídas pelo sujeito segundo uma lógica particular e, assumem formas mais nítidas, por exemplo, nas fantasias sexuais de defesa. Ou seja, construímos nossas próprias histórias muitas vezes nos aprisionamos a elas, mas também as utilizamos para nos alicerçar psiquicamente e elaborá-las, criando a possibilidade de novos desfechos.

Desta forma, podemos dizer que os contos tem grande importância para a vida psíquica das pessoas, em especial das crianças. Embora, no passado, já tenha havido resistência aos contos por parte dos adultos quanto a violência dos conteúdos, seu potencial terapêutico tem hoje aprovação quase unânime, pois de acordo com Corso (2009) por meio das personagens a criança encontra representação para as emoções aparentemente sem sentido que a invadem e encontra na ficção situações que ilustram suas questões existenciais.

Bettelheim (2003, p.16) escreve que “Para dominar os problemas psicológicos do crescimento (superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas [...] a criança necessita entender o que está se passando dentro do seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isso a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados”. Assim sendo, os contos de fadas se encaixam perfeitamente nesta função, pois, levam a criança a imaginar e fantasiar soluções para questões mal elaboradas de sua própria vida

Os contos de fada não desapontam a criança, pois, tratam justamente dos dramas da infância. A criança entra na fantasia proposta e apropria-se dela. Os contos ajudam as crianças a compreender, elaborar e resolver pendências e Bruno Bettelheim através de seus estudos descobriu que as narrativas podem ser tomadas como instrumentos a serviço do crescimento e da elaboração.

Desta forma, pode-se dizer que se os contos de fadas podem auxiliar favoravelmente na evolução da vida psíquica das crianças, esses contos,

obviamente, seriam de grande auxílio na aprendizagem. Vejamos a seguir como os contos podem auxiliar na aprendizagem.

3- OS CONTOS E A PSICOPEDAGOGIA

Contar histórias e se interessar por elas é um dos poucos traços humanos presentes em todas as culturas. O poder dos contos transcende o tempo, idioma e cultura e fazem muitos mais que apenas entreter, pois, os efeitos emocionais e cognitivos de uma narrativa podem influenciar nossas crenças e decisões no mundo real.

De acordo com Leal (2009), em um artigo publicado no ano de 2004 na *Social Cognitive and Affective Neuroscience* Raymond A. Mar revisou pesquisas por diagnóstico de imagem e verificou que áreas aparentemente importantes para a criação ou compreensão de narrativas incluem o córtex pré-frontal medial e lateral, lar da memória operacional, que ajuda a seqüenciar informações e representar eventos da narrativa. Esses diagnósticos por imagem observaram também muita atividade relacionada a histórias no hemisfério direito cerebral, responsável pelo pensamento simbólico e criatividade.

Mas o que as histórias têm a ver com o pensamento simbólico e com a psicopedagogia?

O pensamento simbólico é de extrema importância para nossa vida afetiva e cognitiva e é no estágio pré-operacional que a função semiótica ou simbólica que nos permite simbolizar o mundo se instala. Nesta fase que vai de 2 a 7, a criança tem uma percepção egocêntrica de mundo e encontra-se na fase fálica começando a defrontar-se com as questões edípicas

Convém enfatizar que, quando se fala de percepção de mundo egocêntrica queremos dizer que todas as experiências pelas quais a criança passa são assimiladas ao seu eu e desse modo ela interpreta o mundo, relaciona-se com ele e adapta-se a ele.

Neste período acontece o aparecimento da linguagem que traz como consequência a socialização que irá permitir a comunicação e a interiorização da palavra revestindo as ações de significados. Desta forma, nesta fase, inicia-se o que Piaget chama de pensamento propriamente dito, cuja base é a

linguagem interior e o sistema de signos e, esta linguagem, possibilita à criança representar um objeto por outro através da utilização de signos convencionados por ela, fazendo desta forma o jogo simbólico.

Neste estágio pré-operacional a criança começa a entrar em contato com o simbólico que constitui por excelência o conteúdo psíquico. É um momento significativo que fornece a base para a construção de inteligência operatória. Aqui a criança começa a usar a imitação que se vai constituindo como representação.

Pela imitação a criança assimila o que percebe em seu meio ambiente, procurando sua reprodução. Essa reprodução requer alguma forma de representação e, desta forma, aos poucos se torna possível a imitação na ausência do modelo, o que revela que o ato de imitar é significativo de alguma coisa. Assim sendo, estamos diante do início da representação e nesse movimento surge o jogo simbólico.

De acordo com Andreozzi (2005, p. 22), no jogo simbólico “a imitação que a criança faz dá origem à imagem mental e conseqüentes representações mentais através de imagens interiorizadas. A criança atribui significados variados e diferenciados aos objetos, jogando com eles. Através do jogo simbólico, a criança assimila a realidade, imitando-a através de esquemas simbólicos que forma e utiliza para representar os objetos”.

Portanto, a formação de esquemas simbólicos na imitação é possível porque a criança se mobiliza entre significantes, atribuindo-lhes diferentes significados e, ainda, o uso desses significantes não está restrito aos significados impostos pela cultura permitindo assim o jogo simbólico.

Convém lembrar que o conceito de significado e significante utilizado por Piaget foi introduzido por Saussure, sendo que significante é a imagem-visual ou acústica desligada de seu significado.

Piaget chama essa produção da criança, vivenciada no jogo simbólico, de “simbólica” e segundo Andreozzi (2005, p. 23), “Para Piaget, a produção simbólica está revestida de egocentrismo, o que lhe confere um sentido altamente particular e não objetivo [...]. Nesse processo ela constrói a categoria de representação psíquica e do psiquismo como representação da realidade, deslocando sua ação do empírico”.

Portanto, para haver uma representação propriamente dita (como na linguagem e no pensamento) é necessário construir a imagem mental referente ao objeto, enquanto representação do objeto ausente, pois, a imagem mental é o primeiro elemento que articula ação e pensamento. E assim, sendo o pensamento da criança, nesta fase, egocêntrico, ou seja, subjetivo a associação de um objeto a outro, mediada pela imagem mental e depois pelos signos da linguagem que nomeiam essa imagem, permitem que esta representação simbólica abra caminho para uma qualidade objetiva de representação.

Assim sendo o jogo simbólico é de grande importância porque permite à criança reconstruir as experiências com seu meio, assimilando o real de uma forma que atenda a seus interesses através de imagens elaboradas pelo eu.

Desta forma para entender como se dá o pensamento simbólico partimos do seu surgimento na fase pré-operatória, porém, em vários momentos de nossa vida, enquanto criança ou enquanto adulto, recorreremos ao pensamento simbólico e desta forma ao ouvirmos e nos envolvermos com uma história, existe a possibilidade da identificação com um personagem ou determinada situação. Essa identificação faz com que o indivíduo viva um jogo simbólico, projetando-se na trama e, desta forma, a história proporciona ao indivíduo viver além de sua vida imediata, vivenciando simbolicamente outras experiências.

Deste modo poderemos fazer associações pessoais, gerando um significado totalmente próprio e, assim, este jogo simbólico poderá nos auxiliar a lidar com nossas dificuldades internas.

No atendimento psicopedagógico encontramos crianças e também adultos com diferentes sintomas. O reconhecimento desses sintomas depende do olhar e da escuta psicopedagógicos, no sentido de “ler” nas entrelinhas as possíveis causas dos distúrbios de aprendizagem e, neste contexto, os contos de fadas auxiliam o indivíduo a esclarecer inconscientemente os processos e conflitos internos que está vivenciando, de forma simbólica e impessoal, dando-lhe oportunidade de visualizar seus conflitos como um observador, auxiliando-o dessa forma, nas resoluções de suas questões e promovendo o amadurecimento emocional e cognitivo.

Seguindo esta linha de raciocínio em 1999 foi realizada em um bairro da periferia de Porto Alegre uma pesquisa que verificou o efeito do conto no acompanhamento de crianças com transtornos de aprendizagem que freqüentavam uma escola comunitária. Os resultados revelaram que os alunos se mostram mais atentos, concentrados e predipostos a aprendizagem após ouvir uma história que os cativava.

Desta forma as histórias infantis como referências simbólicas a essas questões inconscientes constituem um importante instrumento psicopedagógico, pois, como vimos, facilitam o pensamento simbólico. A linguagem do simbólico, o mundo das metáforas e a interpretação que se faz desses conteúdos, contribuem tanto para o diagnóstico como para o tratamento psicopedagógico, já que o conceito de aprendizagem com o qual trabalha a psicopedagogia remete a uma visão de homem que está em constante interação com o meio, interferindo nesse processo o seu equipamento biológico, suas condições afetivo-emocionais e intelectuais.

Por isso, incorporar na prática psicopedagógica o uso do conto como intervenção psicopedagógica irá auxiliar a formação de processos interiores da criança podendo ser priorizado a forma mais adequada à situação de aprendizagem e re-significação de vínculos negativos, pois, diante da intervenção dirigida pelo psicopedagogo através do jogo simbólico, a criança encontrará a possibilidade de re-elaborar seus conflitos interiores bem como assimilar limites e regras o que refletirá positivamente tanto em sua vivência em sociedade assim como no processo de aprendizagem fazendo com que o aprendente tenha a possibilidade de alcançar um aprendizado sadio.

Sendo assim veremos a seguir como o conto *Cinderela* dialoga com a aprendizagem e com a parte emocional do sujeito observando que este diálogo é de grande utilidade para o trabalho psicopedagógico, pois, como veremos as ações de Cinderela no conto podem ser “lidas” como uma metáfora do processo de construção do conhecimento descrita por Piaget ou ainda conter dados acerca do aspecto emocional do sujeito desejante, aspecto esse que quando mal elaborado pode atravessar o aprendizado de maneira indevida levando ao sintoma dificuldade de aprendizagem.

ERA UMA VEZ...CINDERELA

1- CINDERELA E OS IMPULSOS REPRIMIDOS

Cinderela também conhecida como *Gata Borralheira* é uma história bem antiga. Existem muitas variantes deste conto espalhadas pelo mundo. Segundo Coelho (2003), *A Cinderela* ou *A Gata Borralheira* tem um ancestral em *La Gata Ceneréntola*, registrado por Basile (*Pentameron*), no qual há a transfiguração da moça feia em bela. O tema da metamorfose da feiúra em beleza é bastante antigo e aparece em numerosas narrativas. Em Straparola (Piacevoli) há o caso de Biancabella, moça transformada em cobra que retoma a forma humana, depois de um banho de leite e orvalho, dado por sua irmã. Ainda no folclore italiano, podemos citar *O Rei e seus Três Filhos*, no qual aparece uma princesa transformada em rã.

É impossível dizer qual a variante mais fiel à versão inicial, porém podemos afirmar que *Cinderela* é uma herança mitológica e que nasceu do mito de *Eros e Psique*, pois, os principais temas e motivos do mito de *Eros e Psiquê* estão em *Cinderela*. A competição feminina, tema central da narrativa, sobrevive nesse conto e é observada nos conflitos e disputas que surgem seja na disputa por um homem ou na inveja das irmãs.

De acordo com Coelho (2003), a origem dos mitos perde-se no princípio dos tempos. São narrativas tão antigas quanto o próprio homem e nos falam de deuses, duendes, heróis fabulosos ou de situações em que domina o sobrenatural. Os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: a criação do mundo e do homem, a gênese de deuses, a explicação mágica das forças da natureza etc.

A história de *Psiquê* está no livro *O asno de Ouro*, de Apuleio, escritor latino do segundo século da era cristã. Essa é a única versão do mito existente na literatura greco-romana, embora sua tradição oral deva vir de muito tempo atrás na cultura ocidental, depois de muitos séculos, o mito foi reescrito por La Fontaine, contemporâneo de Perrault, na França do século XVII.

Em *Psiquê*, assim como em *Cinderela*, estão presentes às situações de proibição, desobediência e rivalidade fraterna que, para a psicanálise, origina-se do relacionamento da criança com os pais.

Cinderela ou *Borrallheira* é o conto de fadas mais popular e é divulgado no mundo inteiro. Suas versões mais populares são a de Charles Perrault e a dos irmãos Grimm e as duas versões diferem consideravelmente. Como já vimos anteriormente Perrault tomou os elementos do conto de fadas e retirou o conteúdo que considerava vulgar, e refinou as outras características para que o produto disso tudo pudesse ser contado na corte. Já os irmãos Grimm retiraram apenas os aspectos mais violentos do conto conservando seu conteúdo. Assim, para nos situarmos melhor, verificaremos algumas diferenças existentes entre as versões utilizadas neste estudo.

Na história de Perrault é Cinderela quem escolhe dormir entre as cinzas. Quando as irmãs estão se preparando para o baile, Cinderela oferece-se para penteá-las. Quanto a ida ao baile, a Cinderela de Perrault não toma nenhuma iniciativa. É a fada madrinha quem lhe diz que ela deve ir e obedecer a ordem de ficar somente até a meia-noite, pois, após este horário a carruagem se transformaria novamente numa abóbora.

Na ocasião de experimentar o sapatinho, não é o príncipe quem vai procurar a dona dos sapatos, mas um cavaleiro enviado pelo príncipe. E antes de Cinderela se encontrar com o príncipe a fada madrinha aparece e veste-a com lindas roupas. Assim, segundo Bettelheim (2003) se perde a importante mensagem da versão dos irmãos Grimm de que o príncipe não se desencoraja com a aparência esfarrapada de Borrallheira porque reconhece suas qualidades internas, independentes de seu aspecto exterior.

Ainda na versão de Perrault no final da história, Cinderela abraça as que a maltrataram e casa-as no mesmo dia com dois cavaleiros importantes da corte e, por fim, diferente da versão dos Grimm, o pai tem um papel insignificante. Tudo o que sabemos sobre ele é que se casara pela segunda vez e que Borrallheira “não ousava queixar-se ao pai porque ele brigaria com ela, pois era inteiramente mandado pela esposa”. Também não se diz nada sobre a fada madrinha até que ela surge de repente para suprir Cinderela com a carruagem, cavalos e vestidos.

Já na versão dos irmãos Grimm, Borralheira era obrigada a dormir nas cinzas e as irmãs ordenavam-lhe que penteasse os cabelos delas e escovasse seus sapatos. Quanto ao baile, Borralheira pede a madrasta que a deixe ir ao baile e conclui as tarefas impossíveis que ela lhe exige para poder ir (mas, mesmo assim a madrasta não a autoriza a ir ao baile e a heroína só consegue comparecer à festa com o auxílio da noqueira plantada no túmulo da mãe). No final do baile sai por decisão própria e se esconde do príncipe em seu encaixe.

Nesta versão o final é bem diferente: as irmãs mutilam os pés para poderem calçar o sapatinho, comparecem ao casamento de Borralheira para ver se recebem algum benefício. Mas, quando caminham para a igreja, os pombos lhes furam os olhos. A história termina com a maldade das irmãs castigadas.

Seria apropriado, ainda, considerar alguns temas importantes das duas versões os quais, conjugados, fazem com que ela tenha grande atração consciente e inconsciente e significado profundo.

Em ambas as versões a heroína é maltratada, dormia na cozinha em meio às cinzas, encontra o príncipe no baile e foge, existe o teste do sapato, os esforços das irmãs para fazer o pé caber no sapato e, ao final, o casamento feliz. Porém, na versão dos Grimm existe o presente que Borralheira pede ao pai, a noqueira que planta no túmulo da mãe, as tarefas exigidas a heroína, os animais que a ajudam a realizá-las, a mãe, transformada na árvore que Borralheira plantara no túmulo, que dá a ela as lindas roupas, a fuga por três vezes de Borralheira do baile, esconder-se primeiro no pombo e depois numa pereira que é derrubada pelo pai, a armadilha feita de pixe e a perda do sapato, as irmãs mutilando os pés e sendo aceitas como noivas (falsas), os pássaros que revelam o logro, a vingança infligida aos vilões.

Assim, de acordo com Bettelheim (2003) essas versões de Cinderela, transmitem claramente a mensagem de que nós nos enganamos se pensamos que devemos nos agarrar em alguma coisa do mundo exterior para ter sucesso na vida. Mas, ainda de acordo com Bettelheim, na *Borralheira* dos Irmãos Grimm, tudo isto ainda é mais refinado.

As roupas cuidadosamente escolhidas e os esforços para tentar fazer o pé caber no sapato das irmãs malvadas foram inúteis, pois, só teremos

sucesso na vida se formos verdadeiros conosco como Cinderela foi consigo mesma porque a segurança interior e o sentimento de autovalor não requerem coisas exteriores.

Assim, podemos observar que apesar das diferenças, em ambas as versões, o tema da rivalidade fraterna está presente e, ainda, segundo Corso (2006, p.110) “o herói prova no mundo externo uma grandeza que em casa ninguém via”.

Bettelheim (2003, p. 13) escreve que “através dos contos de fadas pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil” e, ainda, segundo Mendes (2000, p.44) “Ao representar simbolicamente suas angustias, os contos de fada ajudam as crianças a encontrar o significado da vida”.

Desta forma podemos chegar à conclusão de que para enfrentar a vida a criança precisa de um auxílio que lhe permita ordenar os fatos cotidianos e este auxílio poderia vir dos contos de fadas.

Assim, *Cinderela*, relata as experiências internas da criança diante dos sofrimentos da rivalidade fraterna, quando ela se sente marginalizada pelos irmãos e irmãs. A heroína é humilhada pelas irmãs adotivas, a madrasta sacrifica seus interesses em favor das irmãs e ainda deve executar os trabalhos mais pesados e mesmo fazendo-os bem, não é aceita. Porém, ao final da história, Cinderela sai do borralho vitoriosa.

Deste modo, a criança acredita na verdade do conto e crê na sua libertação e vitória futura, pois, com o triunfo da heroína, a criança consegue esperanças para o seu futuro, esperanças necessárias para equilibrar os sofrimentos que vivencia quando está sob a agonia da rivalidade fraterna.

De acordo com Bettelheim (2003, p.280) “*Borralheira* é um conto de fadas que tem uma atração tão forte para os meninos quanto para as meninas, pois, as crianças de ambos os sexos sofrem igualmente com a rivalidade fraterna, e tem os mesmos desejos de serem resgatados de sua posição inferior e de superar os que lhe parecem superiores”.

Cinderela ou *Borralheira*, de um modo geral, é uma história simples que trata da aflição da rivalidade fraterna, dos desejos que se tornam realidade, dos

humildes que são exaltados. Mas sob este conteúdo aparente estão escondidos conteúdos complexos e em grande parte inconscientes, a cujos detalhes a história refere-se apenas o suficiente para estimular nossas associações. Para atingir e compreender alguns destes significados ocultos, temos de ir além das fontes evidentes da rivalidade fraterna já tratada aqui, pois, de acordo com Bettelheim (2003), essa história transmite outros significados, que só serão apreendidos pelo inconsciente, onde estão guardadas as experiências psíquicas reprimidas, exatamente aquelas expressas nos significados ocultos deste conto, ou seja, a rivalidade fraterna encobre os conflitos edípicos, verdadeiro tema do conto.

Portanto, a seguir veremos que significados a *Borrалheira* dos irmãos Grimm nos transmite levando em conta os aspectos cognitivos e emocionais do sujeito.

2 - O COMPLEXO DE ÉDIPO, A ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO E O APRENDIZADO EM *BORRALHEIRA*.

Os mitos e contos de fadas expressam em linguagem simbólica, ou seja, por meio de símbolos e imagens os impulsos sexuais reprimidos na infância, portanto, podemos dizer também que em alguns contos de fadas podemos observar a vivência das questões edípicas e da angústia da castração tão necessárias para a estruturação da personalidade e fundamentação do desejo de ter, ser e saber.

Para a Psicanálise a ordem da linguagem ao mesmo tempo em que constitui o sujeito, o assujeita a uma subjetiva organização de desejos inconscientes e a uma cultura determinada, nomeada de “grande Outro” que o pulsiona permanentemente a viver, desta forma, o sujeito se constitui como tal no interior do campo do Outro, a partir de uma série de operações estruturantes como o Complexo de Édipo e Angústia da Castração.

Para a teoria freudiana, o modo como o sujeito vive e se relaciona com o saber estão intimamente relacionadas. É o desejo que sustenta o ato de ensinar, bem como o de aprender. O desejo de saber tem origem nas pulsões de saber, daí derivando as relações com o saber.

Para Freud, na constituição psíquica do sujeito, tanto o menino, como a menina, têm a mãe como primeiro objeto de amor, mas quando se deparam com as diferenças sexuais, empreendem percursos diferentes. O Complexo de Édipo, como já foi visto anteriormente, estrutura os limites de nossa subjetividade desejante e a passagem do Complexo de Édipo para o Complexo de Castração originam a sexualidade humana, que, não se reduz à inveja do pênis por parte da mulher ou à ameaça de perder o pênis pelos homens. O sujeito terá que procurar sua própria maneira de lidar com seu desejo e com a “falta”.

A idéia da falta poderia ser considerada como o centro de toda a questão relacionada ao saber, pois, o sujeito que não tem elaboradas as questões da castração, não consegue lidar com a falta e em consequência disso temos as dificuldades de aprendizagem. A incompletude do sujeito e a sua relação com a falta o acompanharão durante sua vida e simultaneamente promoverá o desejo de saber, pois, estamos sempre em busca do que nos traga simbolicamente uma sensação de completude.

Devemos lembrar que o saber não se reduz ao conhecer propriamente dito, (efeito da inteligência), mas também ao “orientar-se” e ao “comportar-se” em sociedade, diante da vida e do saber. Desta forma a relação com o saber se forja nos laços familiares, escolares e sociais de forma geral a partir das respostas construídas pelo sujeito para lidar com a falta, com a castração.

Mas o que isso tem a ver com *Borrallheira*? Bem, sabemos que Borrallheira era uma órfã de mãe que sofria nas mãos da madrasta e de duas irmãs invejosas. Fazia todo o serviço pesado e dormia na cozinha em meio às cinzas do borralho. Foi proibida de ir ao baile real pela madrasta sendo auxiliada por uma avela, que fora plantada no tumulto de sua mãe, que lhe dá condições de ir ao baile onde perde seu sapatinho que ao ser achado pelo príncipe servirá para encontrá-la e trará muita ansiedade às suas irmãs.

Bettelheim escreve que “Borrallheira é uma historia que lida, mais que as outras, com o tema da rivalidade fraterna, e seria estranhamente falha se, de certa maneira, não exprimisse também a rivalidade entre meninos e meninas devido às suas diferenças físicas. Por trás da inveja sexual há o temor sexual, a dita “ansiedade de castração”, o sentimento de que falta alguma parte da própria anatomia “(2003, p. 306).

Cinderela é a personagem de um antigo relato chinês, talvez procedente do século IX que foi repetido por gerações através da tradição oral. Para os antigos chineses o pé pequeno era símbolo de beleza e feminilidade, logo, de acordo com a cultura deste povo surge a questão do pequeno pezinho e seu sapatinho que torna a heroína especialmente feminina. Deste modo, os pés grandes que não cabem no sapato fazem as irmãs menos femininas que Borracheira, e, portanto menos desejáveis. No conto escrito pelos irmãos Grimm as irmãs fazem de tudo para conquistar o príncipe inclusive mutilar os pés, para se tornarem mulheres mais graciosas. Envolveram-se numa autocastração simbólica para provar a feminilidade e, segundo Bettelheim (2003), podemos encarar este fato como expressão simbólica de alguns aspectos do complexo de castração feminino, pois esta mutilação, de toda forma, é um símbolo inconsciente de castração para livrar-se de um pênis imaginário.

O príncipe sentia muita ansiedade a respeito das irmãs, tanto que não podia perceber que elas o tentavam enganar fazendo seus pés grandes caberem em um pequeno sapatinho. Mas, com Cinderela é diferente, seu pé cabe perfeitamente no sapatinho indicando que não há a necessidade de mutilação livrando-o, simbolicamente, da ansiedade de castração. De acordo com Bettelheim, o príncipe recebe de Borracheira a segurança que precisava, pois este ato simboliza que ela não estava castrada em seus desejos nem queria castrar ninguém; por isso ele não precisa temer que isto ocorra com ele.

O aprendizado ocorre quando sublimamos, ou seja, transferimos o objeto de desejo pela busca do conhecimento, e isso ocorre quando o sujeito desejante pode libertar-se da autoridade dos pais. Podemos dizer então que foi necessário que Cinderela se libertasse da autoridade da madrasta para poder ir ao baile, ou seja, partir em busca do conhecimento, pois libertar-se da autoridade dos pais implica elaboração das questões edípicas e angústia de castração e, ainda, ao ir ao baile, desobedecendo a autoridade da madrasta, Cinderela dá sinais de que já elaborou sua questão edípica e angústia de castração.

Após o baile, Borracheira perde seu sapatinho. Este é encontrado pelo príncipe que o usa para rever a heroína. Pensando na questão da perda como propulsora do saber devemos lembrar que para que ocorra o aprendizado é

preciso perder algo para então ganhar e apropriar-se de outro. É uma troca, quando substituímos, simbolizamos e então amadurecemos.

O acesso ao conhecimento e à realidade não está dado desde o início, mas é fruto de um trabalho penoso e demorado que requer paciência. Assim como o conhecimento, o discernimento, a discriminação de si em relação à realidade, a capacidade de julgar e de pensar são uma conquista e tem como requisito a montagem de um aparato psíquico e cognitivo que capacita o indivíduo para isso, portanto, *Borrallheira* precisa trabalhar arduamente para alcançá-lo, podemos então representar o trabalho doméstico pesado de Cinderela como sendo o trabalho que devemos fazer no decorrer de nossas vidas para construir o conhecimento e amadurecer, pois este é resultado do esforço daquele que passou pelo caminho do borralho.

Por fim podemos dizer que este conto nos mostra a necessidade da elaboração das questões edípicas e angustia de castração para que possamos amadurecer e, ainda, para que ocorra o aprendizado. *Borrallheira* deixa claro que o conhecimento se constrói com muito trabalho, desenvolvimento e amadurecimento e que para aprender é necessário ser persistente ter prazer no que se faz e, sobretudo ousar experimentar. Quanto às irmãs? Infelizmente não tiveram a mesma sorte.

Deste modo, após verificarmos os significados ocultos desta versão do ponto de vista cognitivo e emocional do sujeito, veremos os significados de *Cinderela* de Charles Perrault a partir de uma leitura piagetiana.

3 – CINDERELA: UMA METÁFORA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Como já foi dito anteriormente, uma das características dos contos de fadas é oferecer de forma simbólica as situações que refletem os dilemas existenciais do ser humano. Sendo a inteligência uma estrutura lógica torna-se possível fazer relações acerca de questões emocionais que o sujeito epistêmico e desejante possui em seu inconsciente facilitando conseqüentemente a apropriação do conhecimento, pois, os contos de fadas permitem que a apropriação, mesmo que inconscientemente, de conteúdos internos resolva questões cognitivas intimamente ligadas a esses conteúdos.

Para a epistemologia genética de Jean Piaget, que estuda a origem do conhecimento, a inteligência é uma estrutura lógica e o conhecimento é construído, ou seja, o ser humano deve passar por um processo, fazer um trabalho lógico, para chegar ao conhecimento.

Piaget investigou os aspectos cognitivos que conduzem a formação da inteligência assim como os aspectos sociais e afetivos já que as construções mentais, esquemas e estruturas de inteligência estão repletos desses elementos. Para Piaget a inteligência é uma função adaptativa do homem na relação com o meio, ou seja, desenvolvemos a inteligência para mantermos um equilíbrio com o meio ambiente, através da adaptação e da organização. Quando o equilíbrio se rompe, o indivíduo age sobre o que o afetou, buscando reequilibrar-se. Sendo assim podemos dizer que não existe aprendizagem se não houver desequilíbrio e o que desequilibra é o outro, ou seja, o meio.

O motor básico para agirmos é a nossa afetividade, mas, no sentido daquilo em que somos afetados. O afetar não é estimular, o afetar é incomodar, ou seja, a afetividade representa a fonte energética que mobiliza a inteligência sem alterá-la.

Para que o ser humano se ajuste ao meio, modificando-se, utiliza o sistema cognitivo, que é formado por esquemas. O conjunto de esquemas forma a estrutura cognitiva. Toda vez que surge um novo esquema, todos os outros são reformulados.

Para a formação do esquema, é necessária a assimilação que é a transformação do objeto de conhecimento e a acomodação que é a apropriação do conhecimento, logo, os esquemas mentais são os registros internos das ações que se organizam e fazem relações e é a essa organização que chamamos de inteligência.

Mas o que tudo isso tem a ver com *Cinderela*? Durante todo esse estudo pudemos observar, neste conto, vários temas possíveis de reflexão como, por exemplo, a rivalidade fraterna e os conflitos edípicos, mas, refletindo um pouco mais não poderíamos vislumbrar em *Cinderela* uma metáfora do processo de construção do conhecimento?

Sabemos que a Cinderela francesa de Charles Perrault era uma órfã que sofria nas mãos da madrasta e de duas irmãs invejosas. Fazia todo o serviço pesado e dormia nas cinzas do borrinho. Foi proibida de ir ao baile real pela

madrasta sendo socorrida pela fada-madrinha que lhe dá condições de ir ao baile. Além do mais, Cinderela não reclama dos maus-tratos e dos serviços pesados que a madrasta e suas filhas lhe impõem.

Fazendo a analogia de Cinderela com a criança que está trilhando o caminho do saber e o lugar de “borralheira” com o lugar “daquela que não se permite aprender” podemos refletir sobre os caminhos da construção do conhecimento como veremos a seguir.

No conto *Cinderela* de Charles Perrault, a heroína aceita sem questionar o lugar daquela que não sabe, porém como sujeito desejante ela quer ir ao baile e a proibição da madrasta a afetou causando um desequilíbrio. Pensando Cinderela como sujeito epistêmico podemos dizer que a proibição a afetou causando o desequilíbrio necessário para almejar o conhecimento, portanto, ao ir ao baile ela sai do lugar daquela que não pode saber. Cinderela foi auxiliada por sua fada-madrinha que simbolizaria o ensinante e essas relações levam a crer num processo de transformação daquela que não se autoriza a saber, naquela que se autoriza a saber, ou seja, a presença da fada-madrinha em *Cinderela* é a de um marco de transfiguração em que aquela que não sabe estaria representada pela passividade e conformismo da condição de borralheira naquela que passa a saber. Assim a madrasta, o outro causador do desequilíbrio, de certa forma, auxilia Cinderela no caminho da construção do conhecimento interpondo obstáculos, desequilibrando e afetando Cinderela para que ela simule saídas buscando a equilibração.

O baile, portanto aparece como significante neste jogo simbólico, pois, o significante vai ordenando os atos do sujeito e é a partir dele que se organiza a ação e Cinderela começa a ser transformada por esse significante autorizando-se a sair do lugar daquela que não sabe. Porém, a personagem precisa voltar para o borralho à meia-noite e angustiava-se por ter de deixar o baile e o príncipe. Cinderela não quer mais retornar a condição daquela que não sabe, mas tem medo de instalar-se na condição daquela que sabe e sendo assim, ao soar meia-noite, ela retorna às pressas, deixando para trás um de seus sapatinhos. Podemos verificar aqui o movimento progressivo e regressivo do conhecimento, pois não podemos esquecer que o processo de construção do conhecimento e de elaboração interna é feito de avanços e recuos, de muita implicação pessoal, de angústias e superações, portanto, podemos dizer que

Cinderela foi ao encontro do conhecimento, teve medo e retornou, mas felizmente ao final da história ela casa-se com o príncipe simbolizando a aceitação do novo, autorizando-se a conhecer.

Desta forma, após esta leitura metafórica de *Cinderela*, veremos por fim a visão do psicopedagógica acerca do trabalho com os contos de fadas.

4 – ERA UMA VEZ... NA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia tem como objeto de estudo e trabalho a problemática da aprendizagem, assim como, todos os processos envolvidos nessa questão e se ocupa do sintoma problema de aprendizagem, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia, desta forma, como já vimos no primeiro capítulo deste estudo, muitas vezes, o psicopedagogo também observa o que está acontecendo entre a inteligência e os desejos inconscientes do sujeito.

Os contos de fadas vêm sendo utilizados tanto na ação psicopedagógica, quanto na psicoterapia. Bettelheim, entre outros psicanalistas, demonstrou que o conto representa muitas vezes nossos desejos, nossas angústias, e muitos dos mecanismos gerais de funcionamento de nossos esquemas psíquicos. Deste modo, na visão psicopedagógica, o conto funciona como instrumento valioso numa terapia e numa ação educativa, pois, desenvolve a capacidade de fantasia infantil e enquanto diverte a criança, os contos a esclarecem sobre si mesma e favorecem o desenvolvimento da sua personalidade, sendo assim, um conto trabalha concomitantemente o aspecto afetivo, psicológico e cognitivo do sujeito.

Desta forma, as histórias infantis como referências simbólicas a essas questões inconscientes constituem um importante instrumento psicopedagógico, uma vez que remetem ao sonho e à fantasia, além de desenvolver a disposição para sonhar e simbolizar. Por isso, incorporar na prática psicopedagógica os contos de fadas pode tornar os atendimentos mais fecundos e contundentes no que diz respeito ao resgate do prazer de aprender.

Assim sendo, os contos de fadas podem auxiliar o psicopedagogo em seu trabalho, pois, quando o sujeito ouve os relatos de personagens que passaram por dificuldades e saíram vitoriosos delas torna-se mais fácil acreditar em sua própria vitória, uma vez que, o final feliz pode contribuir para a

formação de uma crença positiva na vida, pois, não podemos esquecer que muitas vezes, o papel do psicopedagogo é o de tentar auxiliar a criança a restabelecer a confiança em si mesma e fazê-la acreditar em suas capacidades.

Muitas crianças, mesmo sem déficit algum de inteligência e nenhum comprometimento neurológico podem apresentar dificuldades escolares quando passam, por exemplo, por conflitos familiares, que consomem sua energia fazendo-a regredir ou se fixar em uma fase anterior de desenvolvimento.

Como já vimos em capítulos anteriores deste estudo, a alfabetização pode ser bloqueada por conflitos internos da criança, relacionado com a não elaboração da situação edípica. Isso porque algumas habilidades importantes para a leitura e escrita estão relacionadas aos desejos edípicos que ela quer reprimir e não sabendo como lidar com essas questões fecha-se para as novas aprendizagens. É claro que em casos específicos, onde o psicopedagogo diagnosticar que problemas de ordem emocional atingem a criança é preciso encaminhá-la para atendimento com outros profissionais capacitados para tal. Mas, até mesmo para essa percepção, para esse encaminhamento é preciso que o psicopedagogo conheça essa dinâmica, conheça o poder dos desejos inconscientes. É preciso uma escuta atenta e sensível, para perceber o que realmente está ocasionando a dificuldade apresentada.

De acordo com a psicanálise os aspectos da vida de um indivíduo não podem ser analisados separadamente, portanto, todos os acontecimentos de sua história influenciam direta ou indiretamente em sua vida, influenciando, inclusive, na dinâmica escolar, na relação do sujeito com o conhecimento e tudo o que ele pressupõe. Para que a aprendizagem escolar aconteça de forma satisfatória, o indivíduo precisa abrir mão de uma fase da vida, para entrar em outra e aqui chegamos às questões edípicas e angústia de castração já vistas anteriormente.

Desta forma é preciso sentir a perda, ou seja, simbolizar. Substituir o objeto perdido por outro, pois, para que ocorra a aprendizagem é necessário perder um objeto para então ganhar e apropriar-se de outro.

Segundo Bettelheim (2003), o conto de fadas é um espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só

podem ser elaborados na imaginação. Dessa forma, os contos podem esclarecer inconscientemente os processos e conflitos internos de forma simbólica e impessoal, para que a criança tenha a oportunidade de visualizar seus conflitos como um observador, auxiliando dessa forma, na resolução de suas questões e promovendo o amadurecimento emocional e cognitivo

Assim sendo, quando um conto remete a problemas e dificuldades interiores que a criança possa ter, ela freqüentemente pede que lhe contem a história outra vez. Essa atitude poderá indicar que a história ouvida, de alguma forma está sendo importante e lhe trazendo respostas. Nesse caso, o adulto que lhe contou a história (sejam pais, psicopedagogo ou professores) deve repetir a história tantas vezes quanto a criança solicitar. Isso acontece porque a criança precisa ouvir muitas vezes uma história para “acreditar” nela e fazer com que a visão otimista veiculada por ela seja parte de sua concepção de mundo.

É importante também que a criança além de ouvir o conto quantas vezes desejar, possa também falar sobre ele e sobre o que sente, pois, só assim aproveitará profundamente tudo o que o conto tem a oferecer. Só a partir daí é que poderá fazer associações pessoais, gerando um significado totalmente próprio dela. Esta forma de proceder lhe auxiliará a lidar com os problemas que a angustiam. Quando tiver elaborado suas angústias a criança perderá o interesse pela história, pois, já terá se apropriado dos conteúdos necessários para a resolução de suas questões.

Porém, nada impede que o adulto repita um determinado conto em outra ocasião mesmo quando a criança não peça para recontá-lo. Isso porque quando o contato entre o conto e a criança se dá apenas uma vez, elementos importantes para ela podem se perder, elementos esses que requerem tempo para serem apreendidos e elaborados e ainda, mesmo que o adulto consiga entender porque um determinado conto está encantando uma criança, não deve tentar explicar os motivos a ela. O adulto deve deixá-la refletir sobre a história e descobrir por si mesma o que precisa ser “visto”.

Ao ler ou ouvir um conto a criança poderá entender que outras pessoas também possuem conflitos, inclusive similares aos os seus. E com isso ela pode se tornar capaz de resolver seus próprios problemas e sentir-se forte para

enfrentá-los, portanto, os seus problemas podem ser também o de outras crianças, ou seja, ela não é a única que vivencia situações de conflito.

Como já vimos anteriormente, nos contos sempre surgem “dilemas existenciais”: a rivalidade fraterna, a diferenciação mãe/criança, a triangulação (mãe/ pai/ criança), o complexo de Édipo, a angústia de castração (falta, perda), que são mostrados de uma forma simples e clara, permitindo que a criança ao ouvi-las entenda o que está se passando com o seu “eu” inconsciente. Dando asas à imaginação a criança poderá estruturar-se e aprender a lidar com tais problemas típicos do crescimento.

Deste modo, no que diz respeito ao conto *Cinderela* não poderia ser diferente. *Borrallheira* ou *Cinderela* nos reporta à rivalidade fraterna, pois, a heroína, após o casamento do pai, recebe duas irmãs adotivas que não a tratam como irmã e sim como serviçal. Cinderela é rejeitada e desvalorizada pelas irmãs adotivas. Muitas crianças sentem-se da mesma forma com relação aos irmãos (adotivos ou não), acreditando que nunca serão tão capazes quanto o outro, nem tão querida pelos pais quanto os irmãos o são.

Em *Borrallheira* podemos perceber que os conflitos começam a instalar-se na fase de latência, quando acontece uma perda que é a separação brusca de sua mãe através da morte que surge nos contos de fadas possibilitando uma possível elaboração por parte do sujeito de um tema tão doloroso quanto a morte.

Neste conto a heroína perde a mãe e as irmãs mutilam os pés, estes fatos ocorridos no conto indicam que estamos diante da angústia de castração e, ainda, Cinderela desobedece a madrasta ao ir ao baile. Ora, o aprendizado ocorre quando sublimamos, ou seja, transferimos o objeto de desejo pela busca do conhecimento, e isso ocorre quando o sujeito desejante pode libertar-se da autoridade dos pais.

Deste modo, podemos ver, metaforicamente, através deste conto, que é necessário que o sujeito se liberte da autoridade dos pais para poder elaborar suas questões edípicas e angústia de castração para que possa ocorrer assim o aprendizado. Pois, Cinderela ao ir ao baile, desobedecendo a autoridade da madrasta, dá sinais de que já elaborou suas questões edípicas, pois ela vai ao baile para saciar sua curiosidade de saber. Ela sai em busca de saber o que ainda não sabe, de ver o que ainda não viu.

Temos ainda a perda do sapatinho que é encontrado pelo príncipe. Refletindo sobre a questão da perda como propulsora do saber devemos lembrar também que para que ocorra o aprendizado é preciso perder algo para então ganhar e apropriar-se de outro. É uma troca, quando substituímos, simbolizamos e então crescemos.

Deste modo, a rivalidade fraterna, as questões edípicas e a angústia de castração existentes neste conto podem auxiliar as crianças a elaborar suas frustrações internas e conquistar os sentimentos de confiança tão preciosos para o crescimento tanto no plano emocional quanto no plano cognitivo.

Portanto, para a Psicopedagogia os contos de fadas podem ser aliados no diagnóstico bem como no acompanhamento psicopedagógico, auxiliando o profissional a conhecer a criança com a qual trabalha. Além disso, acreditamos também na possibilidade dos contos serem usados pela psicopedagogia de forma preventiva, pois, a criança por volta de cinco anos, está no auge dos conflitos edípicos e, deste modo, seria interessante que essas histórias estivessem presentes na vida da criança desde a educação infantil, auxiliando-a na elaboração desses conflitos. Elaboração essa que poderia prevenir problemas futuros que muitas vezes acabam desencadeando dificuldades de aprendizagem, já que essa é uma fase de grande importância na vida do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, é chegado o momento de fazer um balanço dos elementos estudados e das conclusões extraídas deste estudo. O objetivo do trabalho era fazer uma reflexão sobre a aprendizagem à luz da Psicanálise e da Epistemologia Genética utilizando como meio para este fim os Complexos de Édipo e castração, assim como, os significados ocultos e metafóricos existentes no conto *Cinderela*.

Para alcançar nossos objetivos, no início deste estudo, foram levantadas quatro questões que nortearam este trabalho:

- 1) A Psicopedagogia poderia unir a Epistemologia Genética de Piaget e a Psicanálise de Freud com o objetivo de auxiliar pessoas com dificuldade de aprendizagem?
- 2) Como a resolução do complexo de Édipo estabelece as condições de estruturação do sujeito e ao mesmo tempo como esta estruturação cria as condições que possibilitem a aprendizagem?
- 3) *Borradeira* poderia conter material simbólico para reflexão sobre as questões edípicas que possam ser relacionados com a aprendizagem?
- 4) *Cinderela* poderia ser uma metáfora do processo de construção do conhecimento?

Para responder a questão inicial, na primeira parte deste estudo introduzimos os principais conceitos da Epistemologia Genética de Jean Piaget e da Psicanálise de Sigmund Freud obtendo assim uma concepção global do desenvolvimento cognitivo e psíquico do sujeito para então prosseguirmos em nossa reflexão dando ênfase ao estudo sobre os complexos de Édipo e Castração. Desta forma, ao final desta primeira parte, chegamos à conclusão de que a união dessas teorias no tratamento psicopedagógico não só é possível, mas, também bastante profícua, pois existe um intercâmbio entre o emocional e o cognitivo que estão constantemente em contendo, cruzando-se e influenciando nossos atos. Para realizar atos inteligentes utilizamos o cognitivo que é atravessado pelo emocional e, sendo o pensar, o aprender e o

estudar um ato inteligente pode-se ponderar que se ocorre algum problema na estrutura psíquica do ser humano poderão surgir problemas na aprendizagem, pois, para que haja aprendizagem é necessária a interferência do nível cognitivo e do nível emocional ou desejante visto que, a inteligência tem um funcionamento cognitivo que não é independente do funcionamento desejante.

No que diz respeito à segunda pergunta, pudemos verificar que a resolução do complexo de Édipo estabelece condições de estruturação do sujeito ao mesmo tempo que possibilita a aprendizagem, pois, após a compreensão deste processo, descrito neste estudo, verificamos a possibilidade do diálogo entre o psíquico e o cognitivo, uma vez que, o complexo de Édipo também proporciona uma organização psíquica que dá sustentação ao desenvolvimento do pensamento lógico-operatório, condição necessária para a aprendizagem da escrita e da leitura, para a aquisição da noção de número e das operações matemáticas.

No segundo capítulo, apresentamos o gênero conto de fadas abordando suas origens, características e relações com a psicanálise e com a psicopedagogia. Articulando, desta forma, este gênero com os fundamentos teóricos freudianos e piagetianos chegamos à conclusão que os contos de fadas constituem um importante instrumento psicopedagógico, pois, facilitam o pensamento simbólico auxiliando na formação de processos interiores da criança re-significando os vínculos negativos que possam de alguma forma estar interferindo no aprendizado, desta forma, diante da intervenção dirigida pelo psicopedagogo através do jogo simbólico, a criança encontrará a possibilidade de re-elaborar seus conflitos interiores bem como assimilar limites e regras o que refletirá positivamente tanto em sua vivência em sociedade quanto no processo de aprendizagem fazendo com que o aprendiz tenha a possibilidade de alcançar um aprendizado sadio.

Em seguida, tratando especificamente do conto *Cinderela*, apresentamos uma breve análise das versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm com o intuito de verificar as diferenças existentes entre as duas versões utilizadas neste estudo e ainda de ressaltar os significados ocultos deste conto para então articularmos os complexos de Édipo e castração com a Borracheira dos irmãos Grimm e, ainda, construirmos a partir da Cinderela francesa de Perrault uma metáfora do processo de construção do conhecimento obtendo,

desta forma, subsídios para respondermos as terceira e quarta perguntas estabelecidas neste estudo.

Desta forma, chegamos à conclusão de que é possível a união da Psicanálise e da Epistemologia Genética em prol da Psicopedagogia, que o conto *Cinderela* pode ser “lido” como uma metáfora do processo de construção do conhecimento e, que, possui significados ocultos que podem ser relacionados com as questões edípicas, assim como, com a aprendizagem e, finalmente, que essas mesmas questões edípicas estabelecem condições de estruturação do sujeito ao mesmo tempo que criam condições que possibilitam a aprendizagem.

Por outro lado, pudemos vislumbrar ainda que o conto de fadas pode ser utilizado efetivamente na clínica psicopedagógica como auxílio no que diz respeito à resolução das questões referentes as dificuldades de aprendizagem, pois, facilitam o pensamento simbólico auxiliando o sujeito na elaboração dos conflitos interiores que possam estar atravessando o processo de aprendizagem evitando que este sujeito tenha a possibilidade de alcançar um aprendizado sadio.

Para finalizar gostaria de enfatizar que a curiosidade e o desejo de conhecer fazem parte da vida. O ato de aprender e apropriar-se de um conhecimento requer a nossa participação na construção do conhecimento, pois, o que nos constitui como sujeito pensante é o ato de apropriar-nos do conhecimento, tornando-o parte integrante de nosso pensamento e é este ato de aprender tão natural do “ser” humano que o psicopedagogo tenta resgatar nos sujeitos que apresentam a dificuldade de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

ANDREOZZI, Maria Luiza. **Piaget e a intervenção psicopedagógica**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed. São Paulo: Saraiva, 2002

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO, M.. Brincadeiras de palavras. **In: Revista Mente & Cérebro**. Ano XVI, n. 197, p. 46-51, jun 2009.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Maria Luiza Andreozzi da. A inteligência ancorada no movimento do desejo. **In: DOXA - Revista Paulista de Psicologia e Educação**, Ano I, vol. I, n. 3, p. 109 - 129, set/dez. 1995.

COVEY, Stephen R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Trad. Sonia Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DI GIORGI, Maria Zilda Armond. *As encruzilhadas do Édipo: caminhos para a possibilidade de aprendizagem; [aproximadamente 12 páginas]*.

Disponível em:

<http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/as_encruzilhadas_do_edipo_2004.htm> Acesso em: 23 Julho 2009, às 10h34.

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos sonhos**. In:_____. Obras completas. Vols. IV e V - Rio de Janeiro: Imago, 1972.

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas**. Trad. David Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

LEAL, Gláucia. Era uma vez... **Revista Mente & Cérebro**. Ano XVI, n. 197, p.38-45, jun 2009.

LIMA, Taís A. C. **A aplicação do conto de fadas : Branca de Neve no espaço psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 2000

MENDES, Mariza B.T. **Em busca dos contos perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Unesp, 2000.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Trad. Regina Régis Junqueira. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

ANEXO A

CINDERELA ou O SAPATINHO DE CRISTAL

Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais orgulhosa e mais arrogante que já existiu até hoje. Ela tinha duas filhas com o mesmo temperamento seu e que se pareciam com ela em tudo. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa, e de uma bondade exemplar. Tinha herdado isso de sua mãe, que havia sido a melhor criatura do mundo.

Mal foi celebrado o casamento, a madrasta já começou a mostrar o seu mau humor. Ela não tolerava as boas qualidades da enteada porque faziam com que suas filhas parecessem ainda mais detestáveis. Por isso obrigou a moça a fazer os trabalhos mais grosseiros da casa: era ela que lavava a louça e as panelas, que varria o quarto dela e das filhas. A moça dormia num quartinho no alto da casa, que servia de celeiro, e sua cama era um punhado de palha. Suas irmãs, ao contrário, dormiam em quartos assoalhados, com camas das mais modernas e elegantes, e grandes espelhos em que elas podiam mirar-se dos pés cabeça. A pobre moça suportava tudo com paciência e não ousava queixar-se ao pai sabendo que ele a repreenderia, pois era inteiramente dominado por sua mulher.

Depois que terminava o seu trabalho, ela se recolhia no canto da chaminé, no meio das cinzas do borrarho, o que fez com que passasse a ser chamada na casa de Borracheira. A irmã caçula, que não era tão maldosa quanto a mais velha, chamava-a de Cinderela. Apesar dos trapos que vestia, Cinderela era cem vezes mais bela do que suas irmãs com seus suntuosos vestidos.

Aconteceu que o filho do rei resolveu dar um baile, para o qual foram convidadas todas as pessoas importantes do lugar. As nossas duas senhoritas também foram convidadas, pois eram figuras de proa na cidade. Muito satisfeitas, elas ocupadas em escolher os vestidos e os penteados que lhes assentavam melhor. O que significava mais trabalho para Cinderela, pois era ela que passava e engomava a roupa de baixo das irmãs. As duas não falavam

em outra coisa a não ser na maneira como iriam vestir-se. “Eu”, dizia a mais velha”, vou por o meu vestido de veludo vermelho enfeitado com renda da Inglaterra “. —” E eu”, falava a mais nova, “só tenho aquela minha saia simples, mas em compensação vou usar minha capa bordada de flores com fios de ouro e o seu fecho de brilhantes, que não é de se desprezar”. A chapeleira foi convocada, para ajeitar-lhes os toucados, tendo sido encomendadas pintas de seda preta a uma boa artesã. Chamaram Cinderela para lhe pedir sua opinião, pois ela tinha muito bom gosto. A moça aconselhou-as o melhor que pôde e até se ofereceu para penteá-las, o que elas aceitaram prontamente.

Enquanto eram penteadas, elas falaram: “Cinderela, você gostaria de ir também ao baile?— Ai de mim, vocês estão brincando comigo”, respondeu ela. “Não é isso o que me convém”. — “Você tem razão”, falaram as irmãs,” todo mundo ia rir se visse uma Borracheira no baile “.

Qualquer outra que não fosse Cinderela teria feito nas duas um penteado mal feito; mas ela tinha bom coração e penteou-as com perfeição. As duas passaram dois dias sem comer tal era a sua excitação. À força de puxar os cordões dos espartilhos, para tornar mais fina a sua cintura, elas arreventaram mais de uma dúzia deles; e o dia inteiro ficavam diante do espelho.

Finalmente chegou o grande dia. Elas partiram para a festa e Cinderela ficou pronta, acompanhando-as com os olhos até perdê-las de vista. Quando não as viu mais, ela começou a chorar. Sua madrinha, ao vê-la em lágrimas, quis saber o que tinha acontecido. “Eu queria muito... eu queria muito”. Ela chorava tanto que não conseguia falar mais nada. Sua madrinha, que era uma fada, disse: “Você queria ir ao baile, não é isso?”- “Aí, ai, queria sim!”, respondeu Cinderela com um soluço “. “Pois bem, se você se comportar bem, eu farei você ir” Levou Cinderela para o seu quarto e disse: “Vá até a horta e me traga uma abóbora “. Cinderela foi depressa apanhar a abóbora mais bonita que encontrou e a trouxe para a madrinha, sem conseguir entender como aquela abóbora poderia ajudá-la a ir ao baile. A madrinha retirou toda a polpa da abóbora, deixando-a oca, depois tocou nela com sua varinha de condão e a abóbora se transformou imediatamente numa linda carruagem toda dourada”.

Em seguida foi dar uma olhada numa ratoeira e encontrou lá seis ratos bem vivos ainda. Mandou Cinderela desarmar a ratoeira e ia dando um golpe com a sua varinha em cada rato que saía. No mesmo instante o rato se transformava num belo cavalo, e assim ela formou três lindas pares de cavalos com uma linda pelagem de um tom cinza da cor de rato.

Como estivesse encontrando dificuldade em arranjar um cocheiro, Cinderela lhe disse: “Vou ver se ainda há algum rato na ratoeira, aí poderemos fazer dele o cocheiro”. — “Você tem razão, vá ver”, falou a madrinha. Cinderela trouxe a ratoeira, onde ainda restavam três gordos ratos. A fada escolheu um dos três, que tinha uma respeitável barbicha, e depois de tocá-lo com a sua varinha transformou-o num rotundo cocheiro, dono dos mais belos bigodes já vistos até hoje.

Ela falou, em seguida: “Vá até a horta, e lá você encontrará seis lagartos atrás do regador”. Mal Cinderela trouxe os lagartos, a madrinha transformou-os em seis pajens, com seus trajes recamados de galões, os quais subiram imediatamente para a parte de trás da carruagem e ali se postaram como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

A fada disse então a Cinderela: “Muito bem, aí está como você poderá ir ao baile. Está contente agora?” — “Estou, mas irei assim, com esta roupa horrível?” A madrinha tocou nela de leve com a sua varinha e no mesmo instante ela se viu metida dentro de um rico vestido bordado a ouro e prata e todo marchetado de pedrarias. Depois a madrinha lhe deu um par de sapatinhos que eram a coisa mais linda do mundo. Assim preparada, ela subiu para a carruagem, com a severa recomendação da madrinha de só ficar na festa até a meia-noite, avisando-a de que se demorasse um minuto a mais sua carruagem voltaria a ser uma abóbora, os cavalos voltariam a ser ratos e os pajens voltariam a ser lagartos; além disso, ela tornaria a ficar vestida de andrajos.

Ela prometeu à madrinha que deixaria o baile antes de soar a meia-noite. Não cabendo em si de contente, ela parte. O filho do rei, avisado de que tinha chegado uma ilustre princesa que ninguém conhecia, correu a recebê-la. Ofereceu sua mão para ajudá-la a descer da carruagem e a conduziu até o salão onde estavam os convidados. Fez-se então um grande silêncio, todos pararam de dançar e até os violões se calaram, de tal forma ficaram todos

maravilhados com a grande beleza da desconhecida. Ouviam-se apenas murmúrios confusos: “Oh, como é linda!” O próprio rei, velho como era, não se cansava de contemplá-la e de dizer baixinho para a rainha que havia muito tempo ele não via uma criatura tão bela e amável. Todas as damas puseram-se a examinar com toda a atenção o seu penteado e os seus trajes, para no dia seguinte copiá-los, contanto que pudessem encontrar tecidos tão belos quanto aqueles e artesãos suficientemente habilidosos.

O filho do rei instalou-a no lugar de honra e logo a seguir convidou-a para dançar. Ela dançava com tanta graça que ainda causou mais admiração. Foram servidos doces muito finos, dos quais o jovem príncipe nem provou, de tal maneira estava ocupado em admirar a moça. Ela foi sentar-se ao lado das irmãs e lhes fez mil e uma gentilezas, dividindo com elas as frutas que o príncipe lhe oferecera, o que as deixou muito espantadas, já que não a conheciam.

Quando faltavam quinze minutos para a meia-noite, Cinderela fez imediatamente uma grande reverência a todos os presentes e se retirou o mais depressa que pôde. Chegando a casa, foi procurar a madrinha e, depois de agradecer a ela, disse-lhe que gostaria muito de ir de novo ao baile, no dia seguinte, porque o filho do rei tinha pedido isso a ela. Como demorasse muito em contar à madrinha tudo o que tinha acontecido, suas irmãs chegaram e bateram à porta. Cinderela foi abrir. “Como vocês custaram a voltar!”, ela, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando, como se tivesse acordado naquele momento. Entretanto não sentia nenhuma vontade de dormir depois que deixara a festa. “Se você tivesse ido ao baile”, falou uma de suas irmãs, “iria gostar muito”. “Esteve lá uma princesa linda, a mais linda princesa que já existiu. Ela nos fez mil gentilezas nos ofereceu frutas e doces”.

Cinderela não cabia em si de contente. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs responderam que não a conheciam e que o filho do rei estava disposto a dar qualquer coisa no mundo para saber quem ela era. Cinderela sorriu e disse: “Ela era tão linda assim? Meu Deus, como vocês são afortunadas”. Será que eu não poderia vê-la? Ai de mim! Por favor, senhorita Javotte, empreste-me o seu vestido amarelo, aquele que a senhorita usa todos os dias! — “Ora veja”, respondeu a senhorita Javotte, “quem você pensa que eu sou! Emprestar minhas roupas para uma Borralheira tão horrorosa! Só se eu

fosse louca”. Cinderela não se importou com essa recusa; ficou até satisfeita, pois ia ficar muito embaraçada se a irmã tivesse concordado em lhe emprestar o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram para o baile, e Cinderela também, com um vestido ainda mais lindo do o da primeira vez. O filho do rei ficou o tempo todo ao seu lado, sempre a lhe dizer palavras doces. A moça não se aborreceu em nenhum momento, e até se esqueceu da recomendação da madrinha, de sorte que só quando ouviu a primeira badalada da meia-noite é que se levantou e fugiu, co tanta rapidez quanto à de uma corça assustada. O príncipe correu atrás, mas não conseguiu segurá-la. Ela deixou cair um de seus sapatinhos, que o príncipe apanhou com toda a presteza. Cinderela chegou em casa esbaforida, sem carruagem, sem pajens e vestida com os seus velhos trapos. Nada havia restado de toda a sua magnificência a não ser um dos sapatinhos, já que o outro ela perdera. Os guardas do palácio foram interrogados se não tinham visto passar por eles uma princesa. Eles responderam que não passara por ali ninguém a não ser uma moça muito mal vestida, que parecia mais uma camponesa do que uma moça fina.

Quando as duas irmãs voltaram do baile, Cinderela quis saber se de novo elas se tinham divertido muito e se a bela dama estava lá. Elas disseram que sim, mas que ela fugira ao soar da meia-noite, e com tanta pressa que deixara cair um de seus sapatinhos, que era a coisa mais linda do mundo. Disseram ainda que o filho do rei apanhara o sapatinho e passara o resto da noite a contemplá-lo, sendo mais do que evidente que ele estava apaixonado pela linda dona do sapato.

Elas tinham dito a verdade, pois, passados alguns dias, o filho do rei mandou anunciar, ao som de trombetas, que ele se casaria com a moça cujo pé coubesse naquele sapatinho. Começou-se, pois, a experimentar o sapato primeiro nas princesas, depois nas duquesas e, por fim, em todas as mulheres da corte, mas em vão. O sapatinho foi levado então à casa das duas irmãs, que fizeram o possível para calçá-lo. Nada conseguiram, porém. Cinderela, que as observava e tinha reconhecido o seu sapato, disse, em tom de brincadeira: “Deixe ver se ele me serve!” As irmãs começaram a rir e a zombar dela, mas o cavalheiro que tinha trazido o sapatinho olhou bem para Cinderela e a achou muito bonita; disse então que era muito justo o que ela pedia e que ele tinha

ordem de fazer a experiência com todas as moças. Fez Cinderela sentar-se e calçou nela com toda a facilidade o sapatinho, que se ajustou ao seu pé à perfeição. O espanto das duas irmãs foi grande, e maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse momento apareceu a madrinha, que, com um toque de sua varinha de condão nas roupas de Cinderela, fez com que se transformassem em trajes ainda mais esplendorosos do que os outros.

Foi então que suas irmãs a reconheceram como sendo a linda princesa que tinham visto no baile. Elas se atiraram aos seus pés para pedir perdão por todos os maus tratos que lhe tinham feito. Cinderela fez as duas se levantarem e disse, abraçando-as, que as perdoava de bom coração e lhes pedia que a amassem sempre. Ela foi levada ao palácio do jovem príncipe, em seu lindo vestido, e ele a achou mais bela do que nunca. Poucos dias depois eles se casaram. Cinderela, que tanto tinha de bela quanto de bondosa, levou as irmãs para o palácio e casou as duas, naquele mesmo dia, com dois ricos fidalgos da corte.

(In: PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Trad. Regina Régis Junqueira. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989).

ANEXO B

BORRALHEIRA ou CINDERELA

Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher, tendo adoecido gravemente e sentindo aproximar-se da morte, chamou sua filha única e disse-lhe:

- Minha querida filha, sê sempre boa e piedosa e o bom Deus há de proteger-te sempre, e lá do céu eu acompanharei teus passos e estarei ao teu lado.

E, ditas estas palavras, cerrou os olhos e partiu.

A filha, a partir de então, ia todos os dias chorar no túmulo de sua mãe, e sempre se mostrou boa e piedosa, como sua mãe recomendara. Quando chegou o inverno, a neve espalhou sobre o túmulo um alvo manto e, quando o sol da primavera o desfez, o viúvo se casara outra vez.

A mulher com quem casara levou consigo para o seu novo lar duas filhas, muito bonitas, louras e de cútis muito clara, mais de corações negros e desapiedados. E a pobre órfã teve de enfrentar uma vida repleta de sofrimentos.

- Essa idiotinha vai ficar na sala conosco? – disseram as duas. – Quem quiser comer, tem que merecer. O lugar dessa idiota é na cozinha.

E as duas malvadas trocaram o belo vestido da órfã por uma roupa velha e rasgada e obrigaram-na a calçar um par de tamancos.

- Vejam como a orgulhosa princesa está vestida! – exclamaram rindo às gargalhadas.

E levaram-na para a cozinha. Ali, a pobrezinha teve de trabalhar arduamente de manhã à noite, levantando-se antes do amanhecer, carregando água, acendendo o fogo, cozinhando e arrumando tudo. Além disso, as duas irmãs a perseguiram de todas as maneiras: zombavam dela, jogavam na cinza o feijão e as lentilhas que ela estava preparando para cozinhar, obrigando-a assim a catar novos grãos, trabalhosamente. À noite, quando infeliz já não se agüentava de cansaço, não permitiam que ela se deitasse na cama: tinha que

dormir na cozinha mesmo, no meio das cinzas. E, como vivia sempre no meio das cinzas, puseram-lhe o apelido de Cinderela, isto é, Borralheira.

E aconteceu que, tendo o pai de Cinderela de fazer uma viagem, perguntou às enteadas o que queriam que lhes trouxesse.

- Lindos vestidos – disse uma.

- Pérolas e pedras preciosas – disse a outra.

- E, tu, Cinderela? – perguntou o homem. – O que quer que eu te traga?

- Meu pai, traga-me o primeiro galho de árvore que bater no teu chapéu, quando estiveres voltando para casa – disse a jovem.

O pai de Cinderela comprou então, belos vestidos e pérolas e pedras preciosas para as enteadas e, quando estava atravessando a cavalo um denso bosque, um galho de aveleira arrancou-lhe o chapéu, e ele o cortou e levou-o consigo. Chegando à sua casa, deu às enteadas o que elas haviam pedido e a Cinderela o galho de aveleira. A jovem agradeceu, plantou a muda no túmulo da mãe e chorou tanto, que regou com as lágrimas a muda que plantara. E a muda cresceu e transformou-se em uma linda árvore.

Três vezes por dia, Cinderela costumava ir sentar-se à sombra daquela árvore, para chorar e rezar, e sempre um passarinho ia pousar em um dos ramos e, se Cinderela manifesta-se um desejo, ele prontamente a satisfazia.

E aconteceu que o rei do país mandou que se realizasse uma grande festa com a duração de três dias, para a qual seriam convidadas todas as jovens formosas do país, a fim de que entre elas seu filho escolhesse a sua noiva. Quando as duas enteadas do pai de Cinderela souberam que fariam parte das moças convidadas, ficaram satisfeitíssimas e ordenaram à órfã:

- Penteia os nossos cabelos, limpa os nossos sapatos e abotoa os nossos vestidos, pois vamos ao baile no palácio do Rei.

Cinderela obedeceu, mas chorou, pois também queria ir ao baile, e pediu à madrasta para deixá-la ir.

- Tu, ires à festa do palácio do rei, Cinderela? – replicou a madrasta.

- Estás doida? Queres ir ao palácio do rei coberta de cinza e poeira como estás? Não tem nem vestido nem sapato que prestem e queres ir dançar no palácio!

Como, porém, Cinderela insistisse, a madrasta acabou dizendo:

- Esvaziei um prato de lentilhas nas cinzas. Se catares todas as lentilhas dentro de duas horas, poderás ir conosco.

A jovem correu ao jardim, pela porta dos fundos, e gritou:

- Vós, pombos mansos, vós rolinhas, e vós, todas as aves do ar, vinde ajudar-me a pôr

No prato a lentilha boa

Na cinza a lentilha à toa

Poucos momentos depois entraram as duas pombas pela janela da cozinha e logo atrás vieram as rolas e depois as aves do céu e diligentemente se puseram a catar no meio das cinzas e colocar no prato as lentilhas. Mal passara uma hora, e as aves já haviam acabado a sua tarefa e saíram voando. Muito contente por ter satisfeito a exigência da madrasta, Cinderela correu a procurá-la, levando o prato com lentilhas, certa de que agora poderia ir a procurá-la, levando o prato com lentilhas, certa de que agora poderia ir à festa do palácio. Foi grande a decepção quando a madrasta disse:

- Não podes ir, Cinderela. Não tens roupa decente e não sabes dançar. Todo o mundo iria rir de ti. Como porém, a jovem começasse a chorar muito, a madrasta disse:

- Se conseguires tirar das cinzas dois pratos de lentilhas em uma hora, irás conosco.

Assim prometeu porque estava certa de que seria de todo impossível para a órfã conseguir tal coisa.

Logo, porém, que a malvada despejou nas cinzas dois pratos de lentilhas, Cinderela saiu pela porta dos fundos e exclamou:

- Vós, pombos mansos, vós rolinhas, e vós, todas as aves do ar, vinde ajudar-me a pôr

No prato a lentilha boa

Na cinza a lentilha à toa

E poucos momentos depois entraram as duas pombas pela janela da cozinha e logo atrás vieram as rolas e depois as aves do céu e diligentemente se puseram a catar no meio das cinzas e colocar no prato as lentilhas. Mal passara meia-hora, e as aves já haviam acabado a sua tarefa e saíram voando. Muito satisfeita, Cinderela correu a levar para a madrasta o prato de lentilhas, mas a malvada mulher disse-lhe brutalmente.

- Tudo isso não adianta. Não podes ir conosco porque não tens vestido nem sapatos e não sabes dançar. Irias nos envergonhar.

E, tendo dito, virou as costas e saiu com as duas filhas.

Como não havia pessoa alguma em casa, Cinderela foi ao túmulo de sua mãe e, debaixo da aveleira gritou:

Sacode os ramos e faze assim

Que ouro e prata caiam em mim

E, sem demora, uma ave lançou-lhe do alto um vestido enfeitado de ouro e prata e sapatinhos bordados de seda e prata. Cinderela vestiu-se e calçou os sapatinhos rapidamente e foi para a festa no palácio. A madrasta e suas filhas não a conheceram e pensaram que fosse uma princesa estrangeira, tão bela e tão ricamente vestida estava.

Jamais poderiam supor que aquela linda moça fosse Cinderela, que julgavam estar suja e esfarrapada, na cozinha, catando lentilhas nas cinzas.

O príncipe aproximou-se dela, tomou-a pela mão e convidou-a para dançar. E não dançou com nenhuma outra moça, e, quando algum cavalheiro tentava tirá-la para dançar, o príncipe não permitia, dizendo:

- Ela é meu par.

Cinderela dançou até a noite e então, quis voltar para casa.

- Irei contigo para fazer-te companhia – disse o príncipe, que queria saber de onde a moça viera.

Ao se aproximar da casa, porém, Cinderela escapou-lhe e pulou para o pombal. O filho do rei esperou até o pai da jovem chegar e contou-lhe que uma mulher desconhecida pulara no pombal.

“Será Cinderela?”, pensou o velho.

Mandou, então, buscar um machado e uma picareta para derrubar o pombal, que, porém, estava vazio. E, quando a família voltou para casa, encontrou Cinderela no meio da cinza, com seu vestido sujo e velho, iluminada por uma pequena lamparina. Com efeito, a órfã saíra rapidamente de trás do pombal e corra a aveleira, onde deixou sobre o túmulo da mãe sua bela vestimenta, de onde a ave levou-a para longe. E, dali, Cinderela voltara à cozinha.

No dia seguinte, continuou a festa, e a madrasta e suas filhas foram mais uma vez ao palácio do rei. De novo Cinderela procurou a aveleira e disse:

*Sacode os ramos e faz assim
Que ouro e prata caiam em mim.*

Então, a ave deixou cair um vestido muito mais bonito do que o da véspera. E quando Cinderela apareceu com ele no palácio do rei, todos ficaram admirados com a sua beleza. O príncipe tinha esperado até que ela aparecesse e tomou-a pela mão, dançando apenas com ela o tempo todo. E quando outros queriam tirá-la para dançar, ele não permitia, dizendo:

- Ela é meu par.

Quando anoiteceu e ela quis se retirar, o filho do rei a seguiu, para ver em que casa ela iria entrar.

Mas, ela correu dele para o quintal atrás da casa. Ali, havia uma linda pereira, muito alta e carregada de frutas. Cinderela trepou na árvore com uma agilidade de esquilo, e escondeu-se entre os seus galhos.

O príncipe esperou até o pai da jovem aparecer e disse:

- A linda desconhecida fugiu de mim e creio que subiu na pereira.

“Será Cinderela?”, pensou o velho.

Mandou, então, buscar um machado e derrubou a árvore, mas não havia ninguém entre os seus ramos.

E, quando a família entrou em casa, encontrou Cinderela na cozinha, junto da cinza, suja e mal vestida, como sempre. A órfã havia pulado para junto da cinza, suja e mal vestida, como sempre. A órfã havia pulado para o outro lado da pereira e deixado o vestido embaixo do aveleiro e vestido os seus velhos trapos, como na véspera.

A ave deixou então, cair um vestido muito mais luxuoso e mais lindo que o da véspera, e um par de sapatinhos de ouro. E, quando ela apareceu na festa tão linda e ricamente vestida, todos ficaram boquiabertos de admiração. O filho do rei dançou somente com ela e se algum cavalheiro a convidava para dançar, ele impedia, dizendo:

- Ela é meu par.

Quando anoiteceu, Cinderela, apesar dos esforços do príncipe para retê-la conseguiu fugir sem que ele a pudesse seguir. Ele, porém, lançou mão de um ardil, mandando passar pez na escadaria. O sapato do pé esquerdo de Cinderela ficou, então, preso no degrau quando ela fugiu.

O príncipe apanhou o sapato, que era muito pequeno e muito bonito, bem digno do pezinho que o calçara.

Na manhã do dia seguinte, o príncipe procurou seu pai e disse-lhe:

- Só me casarei com uma moça cujo pé couber neste sapatinho dourado.

As duas enteadas do pai de Cinderela ficaram satisfeitas quando souberam disso, pois tinham pés bonitos. A mais velha levou o sapatinho para o quarto e tentou calçá-lo, mas o dedo grande não se acomodava dentro dele: o sapato era pequeno demais para o seu pé.

A madrasta de Cinderela foi, então, buscar uma faca e disse à filha:

- Corte o dedo. Quando fores rainha, não precisarás mais andar à pé.

A moça cortou o dedo grande, conseguiu calçar e, mesmo sentido dor, se apresentou ao filho do rei, que, recebendo-a como noiva, pô-la em seu cavalo e partiu levando-a.

Tiveram, contudo, de passar pelo túmulo da mãe de Cinderela, e lá dois pombos pousaram na aveleira e cantaram:

Há sangue dentro do sapato,

Repara bem, repara bem.

Um pé bem grande, um desacato!

Outra é a noiva que te convém

O príncipe olhou e viu o sangue saindo para fora do sapato. Fez o cavalo dar meia volta e levou para a casa a falsa noiva. Mandou então que a outra irmã calçasse o sapato. A segunda irmã foi para o quarto e enfiou com facilidade os dedos do pé no sapato, mas o calcanhar não coube. A mãe foi, então buscar uma faca e aconselhou à filha:

- Corta um pedaço do calcanhar. Quando fores rainha não precisarás mais andar à pé.

- A moça conseguiu calçar e, mesmo sentindo uma dor fortíssima, apresentou-se ao príncipe, que a levou no cavalo, como sua noiva. Quando passaram pela aveleira do túmulo, os dois pombos pousaram na árvore e cantaram:

Há sangue dentro do sapato,

Repara bem, repara bem.

Um pé bem grande, um desacato!

Outra é a noiva que te convém

O príncipe olhou e viu o sangue saindo para fora do sapato. Fez então o cavalo dar meia volta, e devolveu a moça a família.

- Não é esta a que eu quero – disse. – Não tens outra filha?

- Não – disse o velho. – Só uma pobre coitada, suja e maltrapilha, que minha primeira mulher deixou, mas não é possível que ela seja a noiva.

O príncipe insistiu para que a mandassem chamar, mas a madrasta observou:

- Ela é muito suja, não pode aparecer!

Diante, porém, da exigência do príncipe, Cinderela teve de aparecer. Primeiro, ela lavou as mãos e o rosto, depois se apresentou ao filho do Rei, que lhe entregou o sapato dourado. Ela se sentou em um tamborete, tirou do pé o tamanco e calçou o sapatinho dourado, com a maior facilidade. E, quando se levantou, e o príncipe encarou-a, reconheceu a linda moça que dançara com ele e exclamou:

- Esta é a noiva verdadeira!

A madrasta e suas filhas empalideceram de espanto e de ódio. O príncipe pôs a órfã em seu cavalo e partiu, levando-a.

Quando passaram em frente da aveleira, os dois pombos cantaram:

Não há mais sangue dentro do sapato,

Repara bem, repara bem.

Um pé pequeno! Agora é um fato.

É esta a noiva que te convém.

E, depois, desceram voando e pousaram no ombro de Cinderela, um à direita e o outro à esquerda, e ali ficaram.

Quando foi celebrado o casamento da jovem com o príncipe, as duas malvadas irmãs compareceram, disposta a adularem Cinderela, a fim de gozarem de sua amizade e tirarem vantagem disso. Quando o casal de noivos entrou na igreja, a irmã mais velha se colocou à sua direita, e a mais moça, à sua esquerda, e os pombos arrancaram um olho de cada uma delas. Quando os noivos voltaram do altar, a irmã mais velha ficou à esquerda, e a mais moça à direita, e os pombos arrancaram outro olho de cada uma. E, assim, as duas irmãs foram castigadas por sua perversidade, ficando cegas o resto da vida.

(In: GRIMM, GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas**. Trad. David Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000).